



AS METODOLOGIAS DE GÊNERO NO PRÓ-SEMIÁRIDO

AS METODOLOGIAS DE GÊNERO NO PRÓ-SEMIÁRIDO



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO RURAL

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

GOVERNADOR Jerônimo Rodrigues

VICE-GOVERNADOR Geraldo Júnior

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO RURAL (SDR)

SECRETÁRIO Osni Cardoso

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO E AÇÃO REGIONAL - CAR

DIRETOR-PRESIDENTE Jeandro Ribeiro

COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO Sílvia Costa

PROJETO PRÓ-SEMIÁRIDO

COORDENAÇÃO GERAL Cesar Maynard

SUBCOORDENADOR DE DESENVOLVIMENTO
PRODUTIVO E DE MERCADOS Carlos Henrique Ramos

SUBCOORDENADOR DE CAPITAL HUMANO E SOCIAL Samuel Lyra

ASSESSORA DE GÊNERO, RAÇA E ETNIA Ana Elizabeth Siqueira

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO Elka Macêdo, Aline Queiroz e Lorena Vieira

EDIÇÃO DE CONTEÚDO E FOTOGRAFIA Aline Queiroz e Elka Macêdo - DRT/BA 4280

ORGANIZADORA Ana Elizabeth Siqueira

PROJETO GRÁFICO E REVISÃO Imburanatec Design

DIAGRAMAÇÃO E ILUSTRAÇÕES William França

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

As metodologias de gênero no pró-semiárido / [organização Ana Elizabeth Siqueira ;
coordenação Cesar Maynard ; ilustração William França]. -- Salvador, BA : Imburanatec Design, 2024.

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-984739-0-7

1. Agrobiodiversidade 2. Agricultura familiar 3. Áreas rurais 4. Comunidades tradicionais 5. Discriminação de gênero
6. Identidade racial 7. Igualdade racial 8. Regiões semiáridas - Brasil 9. Relações étnico-raciais I. Siqueira, Ana
Elizabeth. II. Maynard, Cesar. III. França, William.

24-227609

CDD-305.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Desigualdades de gênero, raça e etnia : Ciências sociais 305.8
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Foto: William França

SUMÁRIO

AS METODOLOGIAS DE GÊNERO DO PRÓ-SEMIÁRIDO.....	07
— O nosso guia e a coragem pra mudar!	12

Capítulo 1

PROCESSOS FORMATIVOS E A EQUIDADE DE GÊNERO	15
---	----

Capítulo 2

OS ENCONTROS, A QUEBRA DE SILÊNCIOS E A CONSTRUÇÃO DE NOVAS PERCEPÇÕES	23
— Florescendo as Margaridas - Os Encontros de Mulheres e sua importância para o despertar das camponesas	25
— Encontro de homens: uma metodologia de acolhida e quebra de paradigmas machistas	31
— Encontro misto: mulheres e homens refletindo juntos formas de transformar as relações de gênero no campo	36
— Encontros Étnico: Raciais: identidades, ancestralidades e conexões	43
— Gênero e Juventudes Rurais	47

Capítulo 3

AS CIRANDAS DAS CRIANÇAS, A INCLUSÃO E A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES	55
— A Ciranda das Crianças: uma estratégia afirmativa para o enfrentamento das desigualdades de gênero no âmbito do Projeto Pró-Semiárido.	56

Capítulo 4

AS CADERNETAS AGROECOLÓGICAS, A INVISIBILIDADE E O PODER PRODUTIVO E ECONÔMICO DA MULHER AGRICULTORA	67
--	----

Capítulo 5

A TRANSVERSALIDADE DAS AÇÕES DE GÊNERO	77
--	----

- Sinergias entre o Assessoramento Técnico Contínuo e a Rede Mulher Resultados do trabalho da Rede Mulher em conjunto com a equipe técnica formada por homens..... 77
- Ações de gênero e a Rede Semiárido Forte
- Comunicação e gênero: uma união importante para a projeção de vozes femininas do campo

Capítulo 6

GÊNERO, O TERRITÓRIO, INTERSETORIALIDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS	
- ARTICULAÇÃO E AS PARCERIAS	113
— Organização Social Territorial: Empoderamento Feminino, Legados e Perspectivas	
- O PSA/CAR enquanto parceiro	119
— Construindo parcerias para o fortalecimento e sustentabilidade das ações de gênero	126



Foto: Manuela Cavadas

AS METODOLOGIAS DE GÊNERO DO PRÓ-SEMIÁRIDO

Projeto de Desenvolvimento Rural Sustentável da Região Semiárida da Bahia (Pró-Semiárido) têm como uma de suas estratégias de intervenção a perspectiva de gênero, com interfaces étnico-racial e geracional. Para enfrentar o desafio de promover a equidade de gênero num projeto de desenvolvimento rural, na perspectiva de desconstruir preconceitos e práticas racistas, machistas e etárias em todas as ações desenvolvidas, a estratégia metodológica foi trabalhá-las de forma transversal e específica. Vale ressaltar, que as ações com enfoque de equidade de gênero no Pró-Semiárido tiveram uma rubrica com orçamento específico, desde o desenho do Projeto.

Processualmente a **transversalidade do tema de gênero**, foi trabalhada de forma interseccional com as questões étnico-racial e geracional, ao garantir que o recorte de gênero esteja presente por dentro da estrutura de execução do Projeto e de **todas as ações dos Componentes do Fortalecimento do Capital Humano e Social e do Desenvolvimento Produtivo e de Acesso a Mercados**, conforme o modo como se organiza o Projeto. Essa abordagem metodológica dentro de um projeto de desenvolvimento rural é vista como inovadora e inclusiva, ao

¹ Conjunto de quatro ou mais comunidades com características e identidades culturais semelhantes.

ESTRATÉGIAS:

Equidade de Gênero

Transversalidade de Gênero

Orçamento específico

Ações de gênero previstas
no desenho do projeto

Enfoque Étnico-racial

Geracional

Articulações e Parcerias

tentar garantir e viabilizar a efetiva inclusão social, cultural, produtiva, organizacional, política e ambiental das mulheres agricultoras, principalmente, das mulheres indígenas, negras e das jovens, na perspectiva de equalizar as oportunidades. Porém, para a sua incorporação várias ações afirmativas e um **longo processo de sensibilização e capacitação**, foram essenciais para o **entendimento e qualificação da equipe técnica** sobre as relações sociais de gênero, as desigualdades étnico-racial, sociais, sexuais, econômicas, ambientais e geracionais, numa perspectiva feminista, desconstruindo a ordem de gênero patriarcal, classista, racista, sexista, etarista e homofóbica.

A forma de **trabalho específica com as mulheres**, teve início com os encontros de mulheres que aconteceram nos Territórios Rurais¹, com o objetivo de desencadear um processo de sensibilização e questionamentos sobre os estereótipos e preconceitos relacionados a gênero, raça/etnia, geração e sexualidade. Os encontros também foram um espaço de estímulo, animação e escuta das diversas mulheres camponesas, sobre o papel delas no universo rural e sobre as questões cotidianas das relações sociais de gênero, vividas por elas, que continuam reproduzindo os papéis tradicionais de homens e de mulheres, em suas famílias. Nestes momentos aconteceram ainda, reflexões sobre a contribuição das mulheres e seus protagonismos nas diversas atividades produtivas e reprodutivas. **Nos encontros de mulheres, nos temáticos de mulheres, nos encontros étnico-racial, mistos e de jovens**, elas, se prepararam e se capacitaram para a participação nos processos, e espaços sociais representativos, como associações e cooperativas, com uma maior consciência de si, de seu papel, ocupando cargos de poder com mais autonomia.

A promoção da equidade entre homens e mulheres, como estratégia para se contrapor à dominação masculina, tentou desconstruir estereótipos de gênero, étnico-racial e oportunizar uma maior participação das mulheres, camponesas, quilombolas, indígenas, pescadoras, de fundo de pasto, assentadas, através da inserção delas em espaços públicos, organizativos, profissionais e produtivos. As mulheres em sua diversidade e os jovens (homens e mulheres) foram estimuladas a participar efetivamente das dinâmicas organizativas e de atividades

produtivas, de capacitações temáticas, de comissão de controle social, como Agente Comunitário/a Rural (ACR), bem como de Redes, cooperativas, das associações comunitárias, e a assumir cargo diretivos, como presidente, tesoureira, secretária ou mesmo como sócias ativas de sua organização.

O Projeto possibilitou a construção e experimentação de relações de poder mais igualitárias, motivando relações sem subordinação das mulheres e jovens, tentando quebrar com a perpetuação da opressão e da exploração, que geralmente as mulheres, sobretudo as mulheres indígenas, negras e pobres estão mais sujeitas.

Durante estes encontros de mulheres foram discutidas várias temáticas, das quais aqui vamos abordar as relacionadas aos papéis produtivos e reprodutivos, à divisão sexual do trabalho, educação, violência e sexualidade, partindo sempre das experiências das agricultoras na instituição familiar e na associação comunitária ou de produção, por intermédio de seus relatos, já que são espaços onde conciliam atividades domésticas e laborais, cuidado com os filhos e filhas, trabalho nos quintais e na roça.

Esta publicação irá apresentar todo o processo de implantação dessas metodologias, mas, principalmente, como elas foram capazes de impactar a vida das pessoas: mulheres, homens, jovens e crianças, como também à comunidade, o Território Rural e o próprio Projeto. Para que possamos compreender melhor essas transformações, traremos aqui a fala de um personagem fictício que irá nos guiar por esse caminho. Ele falará de si e das pessoas que ele observou e interagiu e os resultados advindos dessa imersão. Ele será o nosso guia por essa viagem desafiadora e extremamente gratificante que foi falar de Gênero, Geração, Raça e Etnia em comunidades rurais do Semiárido da Bahia.

Ana Elizabeth Siqueira
Assessora de Gênero do Pró-Semiárido

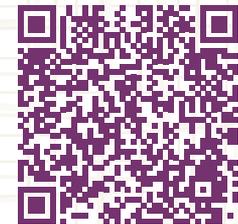
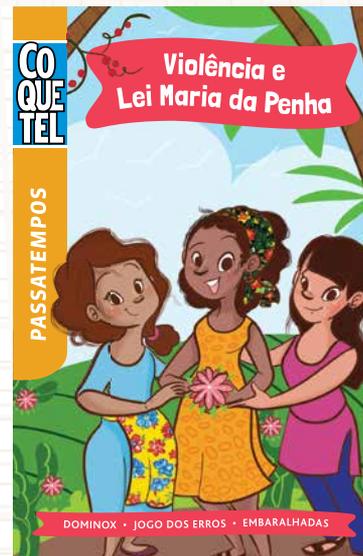
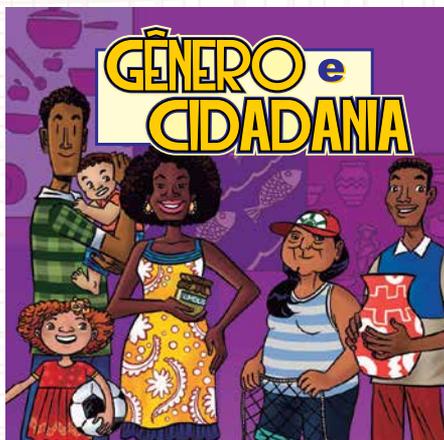
Os diferentes materiais didáticos e pedagógicos, dentro da estratégia da intervenção em gênero com interfaces étnico-racial e geracional, desenvolvem muito bem seu papel de instrumento de apoio e de educação inclusiva, elaborados respeitando as linguagens e os formatos voltados para cada geração, desempenham uma função essencial no processo de sensibilização, informação, aprofundamento e aprendizagem individual e coletiva, sobre os diversos temas trabalhados.

Esses materiais pedagógicos: cartilhas, caderno orientador, passatempos, revistas têm como objetivo socializar conteúdos e caminhos a serem seguidos, além de desconstruir os preconceitos sociais, raciais, de gênero e de geração, como forma de alertar, refletir e corrigir as situações de discriminação e violência contra as mulheres, assegurar a igualdade de oportunidades para homens e mulheres, de todas as idades e gerações construindo equidade de gênero, práticas antirracistas e antissexistas no campo.



Foto: arquivo CAR/Pró-Semiárido

Confira alguns materiais didáticos utilizados na ação de gênero do Pró-Semiárido



Jorge Silva

O nosso guia e a coragem pra mudar!

Por Aline Queiroz

Olá, minha gente, aqui quem fala é o Jorge Silva. Eu sou um jovem Agente Comunitário Rural da comunidade de Riacho, localizada no município de Esperança -BA. Essa publicação vai apresentar para vocês as Metodologias de Gênero utilizadas na execução do projeto do Governo da Bahia, o Pró-Semiárido, e para fazer isso, vejam que ideia legal, eu fui convidado para contar minha história e como essas metodologias modificaram o meu modo de ver as coisas, o meu olhar sobre a minha comunidade, as mulheres e as relações comunitárias e interpessoais no campo.

No momento em que me fizeram o convite para participar dessa publicação, eu confesso que meu coração ficou pequenininho. Eu fiquei receoso, achando que não saberia dizer as coisas, até porque foram muitas experiências vividas, muitos “estalos” ao longo dessa caminhada e um grande despertar para mim.



Aí eu pensei, eu vou falar do que vivi, das atividades que acompanhei e, principalmente, da beleza que foi ver as mulheres da minha família se transformando, ganhando força, quebrando os silêncios. Eu vou falar da minha avó Judite, da minha mãe Izabel, da minha irmã Joana, mas isso tudo para falar de mim, ou melhor, de quem me tornei depois que os temas e as discussões sobre Gênero, Raça e Etnia tomaram conta das rodas de conversas lá no meu pé de serra.

Eu vou falar de vida, transformação e do quanto é importante pensar nessas coisas quando os Governos, os financiadores, movimentos sociais, a universidade forem pensar políticas públicas para o campo. Ah, por falar em universidade, eu estou finalizando o meu curso de pedagogia, sou primeiro na minha família a ingressar no mundo acadêmico. Por que estou fazendo esse destaque? Para dizer que dentre as tantas coisas aprendidas com o projeto, ter coragem foi uma delas. Coragem para ser quem sou, valorizar o meu lugar, reconhecer as crenças que precisavam ser modificadas, se permitir olhar a vida de um jeito novo e ir em busca dos meus sonhos!





Encontro misto na comunidade Serra das Imagens, município de Casa Nova (BA). Foto: Manuela Cavadas

Capítulo 1

PROCESSOS FORMATIVOS E A EQUIDADE DE GÊNERO

“Um passo à frente e você já não está no mesmo lugar” – Chico Science



Vamos iniciar a nossa viagem compartilhando com você como foi a experiência das formações iniciais para que as equipes pudessem conhecer a proposta da Assessoria de Gênero. Sim, todos nós precisávamos aprender sobre Gênero, eu mesmo fazia uma confusão danada. Feminismo eu pensava que era o contrário de machismo, violência contra mulher, para mim, era somente a agressão física e por aí vai. E mais, eu achava que Gênero era assunto de mulher, coisa para elas discutirem. Mas não, as ações envolveram toda a comunidade das crianças aos idosos!

Nas primeiras capacitações essas coisas foram sendo esclarecidas, a gente foi mergulhando nos temas e fazendo as nossas próprias reflexões. Eu não quero fazer intriga, não, mas teve gente da equipe técnica do projeto que resistiu, viu! Houve discussões calorosas, transformadoras. O desafio foi grande, mas a verdade é que as coisas foram mudando de uma forma tão massiva, com respeito ao tempo das pessoas e às compreensões.

As sementes da equidade e da busca pela valorização das pessoas e das suas formas de viver, a partir dos seus lugares e características, foram semeadas.



Formação em gênero com a equipe técnica. Foto: acervo CAR/Pró-Semiárido

É como disse o poeta pernambucano Chico Science: “Um passo à frente e já não estamos no mesmo lugar”.

O processo formativo de sensibilização da equipe técnica foi iniciado no primeiro ano de execução do Projeto, com o objetivo de fornecer elementos teóricos para a construção do conhecimento individual e coletivo sobre gênero, raça/etnia e políticas públicas. Reconhecendo que a perspectiva de gênero e a categoria analítica gênero atravessam todos os campos de prática e de conhecimento, representando um caminho frutífero para a promoção da equidade de gênero e a efetivação dos direitos das mulheres e das pessoas.

A proposta de formação modular, pedagógica de capacitação continuada e específica, para a equipe técnica e para os parceiros de ATC, sobre as relações sociais de gênero, e sua imbricação com os aspectos étnico-racial e geracional, nos possibilitou discutir como a transversalidade de gênero, na perspectiva de promover a equidade de gênero que ocorreria em todas as ações do Pró-Semiárido.

Durante os módulos incorporamos elementos conceituais, discussão dos fundamentos teórico-metodológicos da análise da diferenciação e articulação das relações sociais de gênero, raça/etnia, classe e geração na sociedade brasileira, tanto através da história quanto na contemporaneidade. De forma participativa, refletimos sobre o conceito de gênero, como categoria analítica e histórica, e suas teorias como uma construção do Feminismo, aqui entendido como um movimento político, filosófico e social, que defende a igualdade de direitos entre mulheres e homens, a partir de uma perspectiva do feminismo comunitário.

As discussões centradas na diferenciação de situação de classe e étnico-racial das categorias de gênero e como tais recortes incidem na organização doméstico-familiar, no mundo do trabalho e na constituição de sujeitos políticos.

Na formação procuramos dialogar com as teorias trazendo sempre as vivências e as experiências das pessoas participantes, ao levá-las a pensar e a partilhar, sobre a divisão social do trabalho, olhando como historicamente os homens foram responsáveis pelas tarefas produtivas e as mulheres pelas tarefas reprodutivas – elas responsáveis não só pelas funções biológicas de gravidez, parto e amamentação, mas também a reprodução social da vida cotidiana, entendido como as tarefas associadas à criação dos filhos/filhas e ao cuidado da família.

Refletimos com as lentes das teorias feministas, sobre a crescente participação feminina nas atividades econômicas, políticas, legislativas, três setores ainda, eminentemente de domínio masculinos. E, vimos que para a participação efetiva das mulheres nesses espaços precisamos desconstruir a estrutura patriarcal e machista, presente na família e na sociedade, construída sobre a figura do homem, como superior a mulher.

A aplicabilidade do conceito de gênero no âmbito da intervenção do Pró-Semiárido com ênfase na análise da situação das mulheres e das características das relações de gênero estabelecidas na execução do Projeto, utilizou instrumentos metodológicos para a incorporação do conceito de gênero no planejamento, na execução e acompanhamento das ações e integração de políticas públicas, com valorização da diversidade étnico-racial e o combate ao racismo e a qualquer forma de discriminação social.



A voz da matriarca e o nascer de novos sonhos!

Por Aline Queiroz

Minha vó Judite sempre foi uma mulher forte, referência para toda família. Ela tem uma sabedoria, uma resiliência e, sei lá, tem uma tristeza ali também. Minha vó vê além! Me lembro de sempre olhar para ela como algo grande, que merece respeito, sabe? Mas acho que todos ao seu redor, inclusive eu mesmo, nunca a enxergaram fora da sua cozinha, do seu terreiro, do seu “lugar”. Mas a verdade é outra e, hoje, eu te digo: minha vó sempre foi maior do que qualquer arraial, do que qualquer pé de serra!

Ela sempre esteve lá, pronta para servir, acolher e cuidar. Pronta para o trabalho árduo na criação

dos filhos(as) e de muitos netos(as), também para a lida no manejo dos animais ao redor da casa, no roçado e na horta, e para as tantas outras tarefas desempenhadas por mulheres como ela: negras, camponesas, fortes e invisibilizadas. Quantas coisas minha velha me disse em silêncio! Quantas coisas o silêncio imposto a mulheres como ela nos diz, não é verdade?

Mas para além desse olhar e desse silêncio, tem uma coisa que ela sempre faz e comunica muita coisa, é o seu “humrum”. O humrum de minha vó pode significar dúvida, concordância ou uma sentença do tipo: “é você quem sabe!” Podia estar aquele fuzuê dentro de casa, na beira do fogão, na hora do almoço ou da janta, quando dona Judite fazia aquele “humrum” todo mundo parava para assuntar!

Em um dia em especial ela falou e todo mundo ouviu, ou melhor, escutou! Não só os de casa, os de fora também! É que as coisas vão mudando, novos assuntos chegam para serem conversados. Chega o dia que é preciso quebrar o pote para água jorrar. Romper o silêncio! Deixa-me lhe explicar melhor. Em 2017, chegou um projeto aqui na nossa comunidade. Nunca na vida o Riacho tinha ouvido falar de certas coisas: O que é ser quilombola? Ser negro basta para ser quilombola? Equidade de gênero? Divisão justa do trabalho doméstico? Mulher na presidência da associação? Que nada, nada disso era discutido. A gente nem sabia que a nossa comunidade estava localizada em uma área remanescente de quilombo, que a gente era um povo quilombola, sem falar que aqui sempre foi terra em que homem falava e mulher, quando estava presente nas reuniões, só observava. Isso quando podia ir, pois, normalmente, ficava em casa cuidando dos “mininu”.

A equipe do Projeto tinha um jeito diferente de fazer as coisas e logo conquistou toda comunidade, inclusive minha vó. A principal coisa que eles faziam e que eu achava bom demais, era colocar o povo para falar, isso depois de botar todo mundo pra pensar um bocado sobre as relações comunitárias, a convivência com o meio ambiente e sobre o que todas as pessoas ali do nosso lugar queriam em comum. Até sobre a relação entre

esposo e esposa, com os filhos, com a associação tinha o dia de conversar. Mas deixar eu contar a história do dia em que minha vó falou para todo mundo ouvir, antes que eu me perca. É tanta coisa que me vem à cabeça!

Pois bem, nesse bendito dia estava sendo realizado um Encontro Misto com a presença de homens e mulheres de quatro comunidades da nossa região. Já havia acontecido um encontro só para as mulheres e outro só com os homens e tinha chagado a hora de todos falarem, num espaço de reflexão sobre o machismo, o feminismo, os tipos de violências etc. Rapaz, rolou foi prosa!

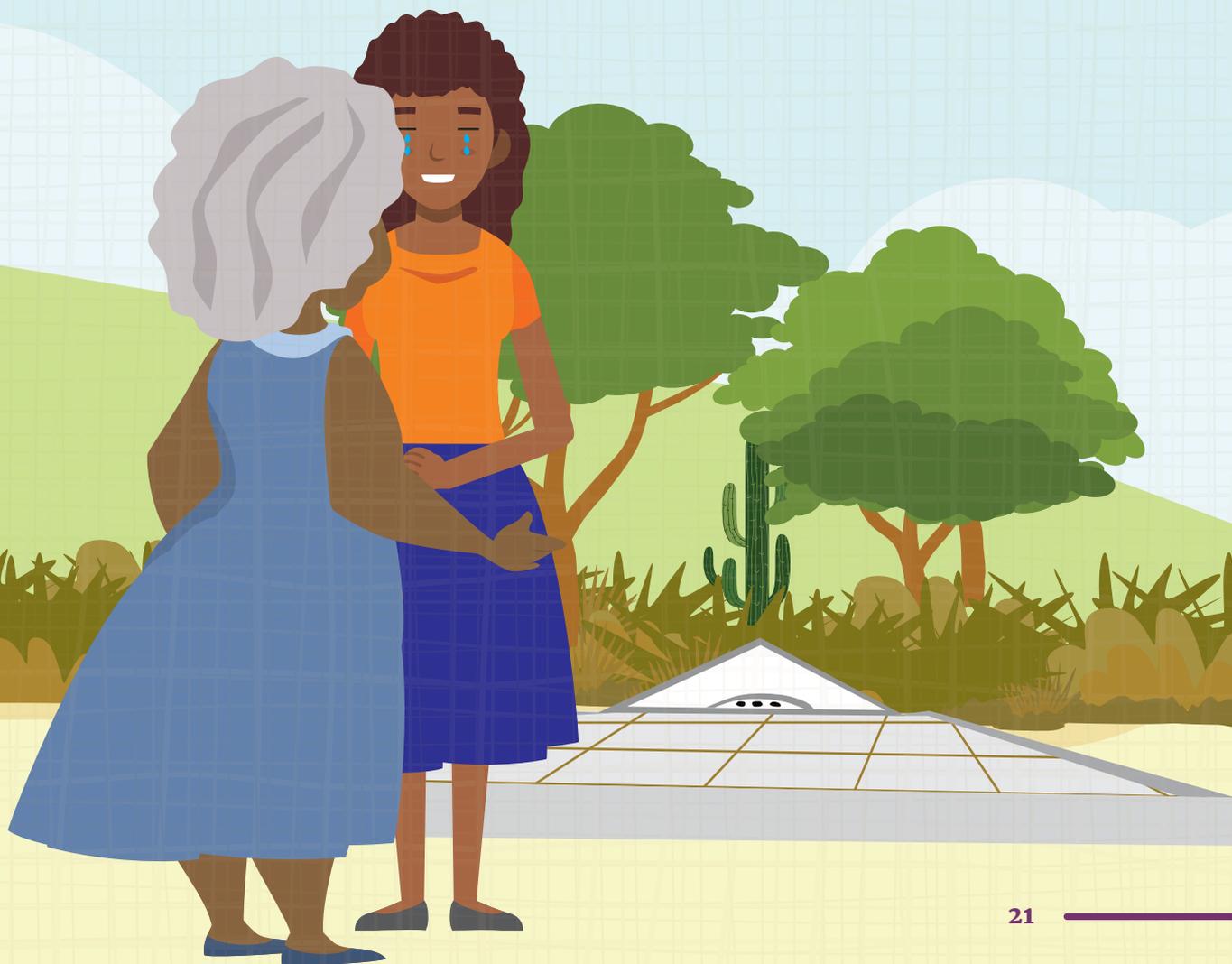
A técnica do Componente Social conduzia o Encontro, quando minha vó se levantou e disse: “Com licença, Janaína, eu gostaria de falar um pouco sobre o que eu acho disso tudo que você tá falando aí”. Eu estava no fundo do salão da igreja, espaço que a gente utilizava para fazer as atividades, quando ouvi aquela voz forte e com uma certa emoção. Rapaz, eu tomei até um susto. Era dona Judite! Ela iniciou dizendo que estava muito feliz por estar vivenciando aquele momento, tão importante para todas as mulheres daquelas comunidades. Ô lembrança boa, eu não me esqueço daquelas palavras!

“Eu passei uma vida calada. Cheguei até aqui pela força de Deus e pelo meu foco, minha determinação em ter um lar com harmonia e não ver a minha família se perder. Mas o preço foi alto, minha gente. Foi muito silêncio e dor”. Nessa hora eu olhei bem nos olhos do meu avô, seu Feliciano, sentado do outro lado da roda. O véio botou cada bago de olho, foi até engraçado. Ela continuou...

“Mas chegou a hora de todas as mulheres falarem, terem espaço, consideração e respeito. Chegou a hora dos homens aqui da comunidade refletirem um pouco sobre o exemplo que querem deixar para seus filhos. Chegou a hora de todos nós entender que precisa ser bom para todos, que unidos com respeito e resistência ganham os casais, as famílias e a nossa comunidade.”

Nessa hora todos aplaudiram emocionados. Mas a emoção maior foi de minha mãe. Dona Izabel não se aguentou e caiu no choro, foi lá e abraçou minha vó. Nessa hora, dona Judite, cheia de força, disse bem assim: “E pra concluir, eu gostaria de sugerir que uma mulher fosse a próxima presidente da nossa associação”!

Uma coisa foi minha vó falar de igualdade, de todos se ajudarem para conquistar as coisas, outra coisa foi ela propor que o uma mulher passasse a dirigir a entidade, a representar a gente nos lugares. Rum, eu vi logo um dois “se bulindo” na cadeira, e já que o papo é sincero aqui, eu confesso a vocês que eu achei legal a proposta de minha vó, mas me questionei se tinha mulher ali capaz de assumir esse cargo.





Encontro das Guardiãs da Agrobiodiversidade, dezembro de 2019, Senhor do Bonfim (BA). Foto: Manuela Cavadas

Capítulo 2

OS ENCONTROS, A QUEBRA DE SILÊNCIOS E A CONSTRUÇÃO DE NOVAS PERCEPÇÕES

O projeto Pró-Semiárido, através da Assessoria de Gênero, Raça, Etnia e Geração, vem trabalhando como estratégia metodológica a formação de maneira efetiva nos 32 (trinta e dois) municípios de atuação do Projeto.

Este dialogo se dá por intermédio dos encontros de mulheres, homens, mistos, étnico-raciais e de jovens, abordando muitas temáticas, não só para os agricultores e agricultoras, como para os técnicos e técnicas, responsáveis pela execução das ações.

Número de participantes dos Eventos de Gênero, Raça e Etnia

Total: **9.904**



Mulheres: **7.503**



Homens: **2.432**



Jovens: **2.887**

Tipos de evento

- Encontros de formação em gênero
- Encontros de Homens
- Encontros de Mulheres
- Encontros Mistos
- Encontros temáticos de jovens
- Assembleias da Juventude
- Oficinas com comunidades remanescentes de quilombo
- Seminário de equidade de gênero, raça e etnia



II Encontro das Guardiãs da Agrobiodiversidade, dezembro de 2022, Jacobina (BA). Foto: Mari Santos

Florescendo as Margaridas - Os Encontros de Mulheres e sua importância para o despertar das camponesas

Ana Elizabeth Siqueira e Deyse Sayonara¹

Como eixo central da proposta de conteúdo dos encontros de mulheres e de homens trabalhamos com os vídeos novela “A vida de Margarida”², que é o primeiro episódio e em alguns encontros, também utilizamos o segundo episódio, “Zefinha quer casar”. Esses dois vídeos-novela, foram utilizados como instrumento pedagógico, que possibilitaram um intenso processo de sensibilização e favoreceram um rico e profundo debate sobre as relações de gênero, tão desiguais e com forte dominação patriarcal. Outro instrumento metodológico que usufruímos durante os encontros de mulheres foi a dinâmica “Eu, minha Mãe e minha Avó” com a finalidade de despertar, estimular um processo de reflexão individual e coletivo, suscitar um olhar crítico sobre a vida cotidiana das mulheres camponesas, levá-las a refletir sobre as semelhanças e diferenças entre as gerações, fazer uma comparação se houve mudanças na educação, na saúde, nas moradias, no lazer, na cultura da comunidade, na alimentação familiar, nas relações entre pais e filhos/as, nos namoros e no acesso as políticas públicas. E quais mudanças houve do tempo das avós até o momento atual.

Como era antes?

A realidade no tempo das nossas avós das comunidades rurais atendidas pelo Projeto Pró-Semiárido, da infância até a idade adulta, é um reflexo do passado repetido de geração para geração. As mulheres viviam os efeitos cruéis da cultura do machismo, onde o homem manda e a mulher obedece. Onde eram vistas como meras reprodutoras, que nasceram quase com um único destino, predestinadas a procriar. Sem direitos a sonhar outras possibilidades, como por exemplo, estudar.

¹ Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR).

² Vídeos novela criados pelo Polo da Borborema e a AS-PTA da Paraíba, para dar visibilidade às desigualdades das relações de gênero vividas pelas mulheres rurais.

Naquele tempo a discriminação naturalizada por ser mulher, principalmente, por ser mulher indígena, negra, pobre, rural, só aumentava as profundas desigualdades nas relações sociais de gênero, num contexto desafiador de conviver com o clima semiárido e de assumir as diversas e duras atividades produtivas e reprodutivas.

Neste sentido, observamos que as mulheres que participaram dos Encontros de Mulheres, temáticos, étnico-racial e mistos (mulheres e homens), continuam em grande medida reproduzindo essa história em suas famílias, independentemente de sua idade e geração. As avós dessas mulheres sertanejas viveram as desigualdades nas relações de gênero, entre homens e mulheres e reproduziram toda cultura, valores aprendidos com suas antepassadas como se fosse sina, a única certeza que tinham sobre seu destino era a obrigatoriedade de casar e ter filhos/as.

A maioria delas não teve a oportunidade de estudar. Capinaram, carregaram água na cabeça, aprenderam a cozinhar ainda criança, pisaram milho e arroz no pilão, lavaram roupas nas barragens, nos açudes ou no rio, passaram roupas no ferro a carvão, varreram o quintal, guardaram sementes, colheram os produtos da roça, trataram dos pequenos animais, algumas se casaram ainda na puberdade e outras na adolescência, tiveram muitos filhos e filhas e cuidaram sozinhas da educação deles, sofreram violência doméstica. Elas não participaram de espaços organizativos e políticos, repetiram as mesmas histórias de vida de suas mães, de suas avós.

Nesse contexto, os encontros de mulheres tinham o objetivo de promover uma maior integração entre as pessoas, estimular e construir uma reflexão individual e coletiva sobre as desigualdades das relações sociais de gênero e étnico-raciais, partindo da realidade cotidiana vivida pelas mulheres rurais e urbanas, de várias gerações, de raça e etnia diferentes, na perspectiva de suscitar um processo de desconstrução de todas as formas de preconceitos, discriminação, opressão, injustiça social, subordinação, violências, estereótipos machistas e, quem sabe, abalar a estrutura de ordem patriarcal tão presente na família e na sociedade.

A metodologia utilizada dialogou com a prática da cultura local, por isso foram trabalhadas dinâmicas e vídeos na perspectiva de apresentar os conteúdos teóricos de forma mais lúdica, levando as participantes a refletirem sobre os temas, socializarem suas experiências e coletivamente construir um conhecimento novo sobre os diversos temas abordados.



Encontro misto
Unidos pela Grota
Foto: Acervo CAR/
Pró-Semiárido

Os encontros específicos de mulheres, previstos nos Planos de Desenvolvimento dos Territórios Rurais, foram um espaço para valorizar a mulher como sujeito de direitos, enquanto protagonistas engajadas nas esferas produtivas e reprodutivas da vida social. Para execução desta abordagem, se fez necessário a construção de um processo de formação específica com enfoque de gênero, voltado principalmente para as mulheres e suas organizações. Viabilizando a participação nos processos de formação de cunho técnico, organizativo e político. Com o objetivo de criar espaços de diálogo, troca de conhecimentos e práticas entre as mulheres das comunidades da área de abrangência do Pró-Semiárido, com representações de entidades e movimentos sociais que atuem dentro dos Territórios de Identidade, com a temática de gênero (Rede de Mulheres, câmaras técnicas de mulheres, secretarias de mulheres dos sindicatos rurais, secretarias municipais, coletivos de gênero de movimentos sociais) a fim de estimular a participação política das mulheres na luta por direitos e por acesso a políticas públicas.

Nos depoimentos das mulheres Joseane Santana, Luzinete Maria Gomes e Ana Janete é possível perceber as mudanças em suas percepções e aprendizados, adquiridos após os Encontros de Mulheres.

Depois de algum tempo de espera, finalmente chegou o tão esperado Encontro de Mulheres, onde reunimos um grupo para discutir nossos problemas, trocamos informações, experiências, juntas traçamos as nossas metas e trabalhos para nossa comunidade. Sabemos que foi o primeiro degrau, mas já fez bastante diferença e seremos com certeza um grupo cada vez mais unido, já pude notar a mudança em minha vida, pois consigo resolver problemas com diálogo, sem precisar me exaltar, aprendi a escutar as pessoas antes de julgá-las, ter paciência e respeito ainda mais com o próximo. Foi incrível ter compartilhado histórias e momentos com outras mulheres e aprendermos nossos direitos. Uma mulher forte e invencível, derrota tudo, até o preconceito!

(Joseane Santana- Comunidade Malhadinha de Fora/TR Mãos Unidas, município de Jacobina).

Encontro de Mulheres
Foto: Acervo CAR/Pró-
-Semiárido



Entre tantas reuniões, rodas de aprendizagens nas comunidades também tivemos momentos marcantes, um deles foi o Encontro de Mulheres, este superou minhas expectativas, diante de tantos relatos das mulheres pudemos perceber que o nosso dia a dia é muito parecido. As palestras e atividades desenvolvidas foram muito boas e bastante interativa, contribuiu para entendermos que essa história de que “eu não faço nada, não trabalho” não é verdadeira, não faz sentido algum, são expressões culturais e tradicionais que precisam ser mudadas. Aprendemos ali que as mulheres agricultoras são fortes e determinantes nos cuidados para o bem-estar, desenvolvimento e renda familiar. Eu fui beneficiada com um galinheiro e a minha criação de aves melhorou bastante, hoje eu aplico os conhecimentos adquiridos e a minha produção aumentou considerável. O manejo e a comercialização muito mais fácil, pois tenho um produto de qualidade melhor. Esse projeto trouxe conhecimento, estrutura para produzir mais e melhor. Por esta razão foi proveitoso, mostrando para nós mulheres do campo que também temos direitos, potencial, valores que devem ser respeitados. Além de divertido foi produtivo com o propósito de conhecimento para as mulheres se tornarem mais fortes, mais unidas e independentes e o desafio para dizermos: eu posso, eu consigo, eu faço. Sou mulher e pronto!

(Luzinete Maria Gomes, Território Nova Esperança, município de Serrolândia).

**I Encontro das Guardiãs da Agrobiodiversidade, dezembro de 2022, Jacobina (BA).
Foto: Mari Santos**



O Encontro de Mulher foi uma ótima experiência, muito rico. Assim como mudou pra mim, mudou para várias mulheres também, porque incentiva, orienta, a gente adquire muita experiência, muito conhecimento que às vezes a gente é submissa e não percebe. Os depoimentos e os vídeos proporcionam as agricultoras a oportunidade de crescer, de viver. A partir desse encontro comecei a olhar a minha renda. Esse encontro dá mais independência para as mulheres. Após as reuniões, passamos a refletir, eu com dona Eliene sobre nossas produções, nossos quintais que muitas vezes não valorizávamos o trabalho da gente. A partir do momento que tivemos essas orientações, conversas, bate papo, a gente passou a valorizar mais e com esse projeto, temos a produção de temperos, a mini fábrica que a gente vai tá incentivando a cooperar, trocar nossas produções, isso me deu uma força que vocês nem imaginam, porque através disso aí, meu esposo sempre teve moto e carro e eu nunca tive interesse em aprender, hoje eu sinto a necessidade, inclusive já estou com plano de comprar uma, para irmos pra as reuniões, ter minha independência de ir e vir sozinha, porque nem sempre meu esposo está disponível, as vezes está trabalhando; já economizei pra comprar uma moto. Isso pra mim foi incentivo do projeto, partiu do projeto, me deu essa sensação de autonomia, liberdade, isso é muito importante não só para mim, pra todas as mulheres do grupo e porque não do mundo? de pensar, de ser autônoma, ter sua liberdade, uma força que esse projeto nos incentiva isso. Eu agradeço muito a Técnica do Social, a todos do projeto, aos grupos, ao ACR e a Técnica Agrícola.

(Agricultora Ana Janete- TR Armando Barbosa de Souza, Umburaninha - Várzea Nova).



**Encontro de Mulheres
- TR Umbuzeiro. Foto: Acervo
CAR/Pró-Semiárido**

Encontro de Homens: uma metodologia de acolhida e quebra de paradigmas machistas

Izaías Reis³ – Assessor de Políticas Públicas do Projeto Pró-Semiárido



Foto: Elka Macêdo

Os encontros de homens têm como objetivo promover um processo de formação por intermédio da desconstrução da cultura machista, do reconhecimento das desigualdades de gênero, étnico-raciais e geracionais, levando-os a pensar como se dão as relações de gênero, imbricadas com as questões raciais e geracionais, em suas vidas e no dia a dia do trabalho na área rural.

A cultura machista apregoada e efetivada nas diversas formas de opressão está fatidicamente impregnada na sociedade brasileira. O número crescente de casos de violências contra mulheres, LGBTQIAPN+, adolescentes, crianças e outros tantos grupos que se opõem ou não a maneira perversa de pensamento e atitudes exercidas pelo homem, despertou em diversos espaços a necessidade de políticas públicas que impactem positivamente na mudança desse cenário cada vez mais recorrente no Brasil e no mundo.

³ Pedagogo – Gestão e Docência em Processos Educacionais – Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Mestre em Planejamento Territorial – Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

O contexto político, econômico, social e principalmente a educação familiar, influenciam diretamente na formação do caráter dos indivíduos, tanto para homens machistas, quanto mulheres que reproduzem o machismo e agregam à sua formação diversas atitudes semelhantes, refletindo negativamente nas relações familiares e sociais.

Seguindo a mesma metodologia desenvolvida nos encontros de Mulheres e Mistos, o Encontro de Homens promoveu a oportunidade do diálogo muitas vezes nunca exercido nos âmbitos familiares e sociais. A dificuldade na quebra de tabus culturalmente internalizados por esse público, só demonstra o quão ausente estão as políticas públicas voltadas para essas pessoas, bem como a resistência encontrada em projetos governamentais para inclusão do tema em suas ações. A deficiência de uma educação formal que promova a igualdade de gênero, temática tão negada por setores conservadores da sociedade, está cada vez mais refletida nos dados monstruosos estampados nos periódicos e estudos dos últimos tempos. O Projeto Pró-Semiárido vai de encontro a essa estrutura historicamente imposta às mulheres, adolescentes, crianças e outros grupos, vítimas da sociedade e da ausência do poder público.

O Encontro de Homens foi um momento de muito aprendizado e troca de experiências para os envolvidos, ocasião em que muitos participantes, após a quebra de gelo e confiança em quem ministra a ação, sentem-se a vontade para compartilhar experiências boas e ruins das suas vidas, histórias que nunca trataram com sua própria família ou outras pessoas do seu âmbito de convivência, portanto, para este capítulo, em respeito aos agricultores que disponibilizaram seus depoimentos à este trabalho, iremos anunciá-los com nomes fictícios.

A metodologia, como dito acima, segue todo o rito de apresentações dos participantes, dinâmica e exibições de vídeos-novelas, com fito de que haja ao final de cada vídeo uma dialética do grupo, possibilitando melhor entendimento e compartilhamento das vivências e atitudes praticadas. É comum que os participantes se sintam livres para falarem após esses diálogos e foi o que ocorreu em um desses encontros no município de Serrolândia-BA.

Boa tarde, meus amigos, me chamo Antônio Rodrigues, tenho 84 anos e quero compartilhar como sou hoje e como vivi com minha velha durante mais de 60 anos. Um dia desses, após o almoço, minha senhora, e eu (moramos sozinhos), filhos e netos na cidade e nós aqui na zona rural. Depois do almoço levantei peguei nossos pratos e fui pra pia lavar. Percebi que ela começou a chorar, também levantou e veio me abraçar, dizendo que me amava e saiu da cozinha aos prantos. Fui atrás, perguntei o que era aquilo e ela

respondeu, “que era alegria”. Só percebi um tempo depois que era por aquele simples gesto (lavar os pratos) e o quanto demorei durante toda nossa vida de casados para ter essa iniciativa. Aquilo me fez mudar as atitudes dentro de casa.

(Antônio Rodrigues, município de Serrolândia-BA)

O depoimento do Sr. Antônio comoveu parte dos participantes, arrancando aplausos de todos, no entanto, gerou inquietação em um dos participantes, que fez os seguintes questionamentos: *Como o Sr. Antônio, precisamos esperar por mais de 60 (sessenta) anos de casados para agirmos assim em nossas casas? É justo que nossas esposas e filhas realizem todas as atividades domésticas sozinhas? Naquele momento o coro foi unânime, “Não”.*



Encontro de Homens. Território Rural - TR. Nova Esperança. Serrolândia-BA. Agosto.19. Fonte: Pró-Semiárido.

Atrelado à todas as outras manifestações que acompanham a cultura machista, está a ausência da “Divisão Justa do Trabalho Doméstico”, problema diariamente enfrentado pelas mulheres em qualquer classe social e de grande destaque nos debates promovidos pelo Pró-Semiárido. Ainda que após os trabalhos de sensibilização realizado pelo Componente Social e Assessoria de Gênero, Raça, Etnia e Geração junto aos participantes do Projeto, essa é uma queixa frequente

nos encontros, tanto de mulheres, quanto dos homens. De um lado, temos as mulheres que realizam todas as atividades do lar, estando essas na segunda, terceira ou quarta jornada diária de trabalho, tanto quanto dos homens que contribuem com a divisão justa e não se conformam e/ou compreendem a postura de amigos em não fazer o mesmo.

Rubens Santos, beneficiário do Projeto e participante assíduo dos encontros promovidos no Território Rural, deixa sua visão sobre o tema.

Quase todos os dias acordo antes que minha esposa e a primeira coisa que já deixo pronto é o café. Cuido dos animais, volto pra o café da manhã com ela e depois varro o terreiro (frente da casa), enquanto ela prepara o almoço. Nunca tive vergonha de quem passa e me vê com a vassoura na mão, mas, tenho muitos amigos e vizinhos que não fazem por isso. “Não deixa de ser homem por fazer. É meu dever cooperar em casa”.

Exemplos como os do Sr. Antônio e Rubens, contribuem e muito para os Encontros de Homens, pois, são eles que com seus exemplos e vivências, realizam o debate, promovendo a reflexão e possível mudança nas atitudes dos outros participantes. O trabalho do mediador ou mediadora é provocar essa dialética, instigar ao pensamento crítico e autoconhecimento, fazer com que entendam que o respeito mútuo e a assunção de responsabilidades junto à família são peças fundamentais para o bom convívio.

No entanto, encontros com falas carregadas de machismo, resistência e negação aos temas, não são raros e exigem muita calma e experiência do(a) mediador(a), tanto quanto paciência dos demais participantes, afinal, na maioria dos casos, tratam-se de indivíduos criados em ambientes familiares altamente nocivos e desassistidos de qualquer orientação.

Um caso emblemático de encontros de difícil realização, ocorreu no ano de 2019, mediado pela Assessoria de Políticas Públicas do Projeto. Na ocasião um dos participantes se manifestou contrário a um comentário de um outro colega. A fala inicial tratava do “quanto a relação em casa havia melhorado, depois que sua esposa conseguiu um trabalho remunerado, contribuindo assim para as finanças da família”. Por sua vez, o interlocutor contrário, aqui o chamaremos de Henrique Silva, trouxe o seguinte ponto de vista.

Não me casei com “minha mulher”, para ela viver na rua. Trabalho duro o dia todo e quero chegar em “minha casa” e encontrar comida quente e casa limpa. Quando ela veio pra “minha casa”, já veio sabendo. Não quer? Volta pra casa dos pais. E não mudo meu pensamento.

Após uma longa e calorosa discussão com diversas manifestações em desfavor à fala do Sr. Henrique, conseguiu-se seguir com a metodologia, minimizando os ânimos do ambiente. No entanto, sem êxito na dissuasão da atitude do Henrique Silva, tanto por parte do mediador, quanto dos seus colegas e amigos presentes.

Posturas como a do Sr. Henrique, apesar de lamentáveis, são importantes para dinâmica e resultado dos Encontros de Homens, Mulheres e Mistos do Projeto, pois, externam o quão se fazem necessárias intervenções mais sérias e efetivas no dia a dia das comunidades rurais, sejam através da educação formal, informal ou de iniciativas como a do Projeto Pró-Semiárido e tantas outras propostas por movimentos sociais e militância independente, que contribuam com estratégias de sensibilização e conscientização da sociedade, por efetividade na execução das leis e ações das esferas governamentais e principalmente, por dias de tranquilidade e segurança para as mulheres, adolescentes, crianças e outros grupos, cada vez mais vulneráveis em nosso país.

Encontro Misto: mulheres e homens refletindo juntos formas de transformar as relações de gênero no campo

Ana Elizabeth Siqueira e Deyse Sayonara⁴

Estes encontros visam criar espaços reservados para troca de experiências entre as mulheres e os homens de várias gerações, que participaram dos encontros específicos de mulheres e de homens realizados nos Territórios Rurais, promovendo o diálogo entre os homens e as mulheres, ao refletir sobre as relações sociais de gênero vivenciadas no cotidiano da comunidade. Na perspectiva de sensibilizar e conscientizar os homens e as mulheres, sobre as desigualdades de gênero, machismo, sexismo, racismo e todos os tipos de violências contra as mulheres e meninas, trazendo como ferramenta metodológica para introduzir esses temas, utilizamos a dinâmica do Relógio (rotina diária) e o vídeo da Campanha Pela Divisão Justa do Trabalho Doméstico⁵. Além disso, essas ferramentas possibilitam refletir sobre a divisão sexual do trabalho e a sobrecarga de trabalho assumidas pelas mulheres rurais e a necessidade da corresponsabilidade do trabalho doméstico, entre os homens e as mulheres. Dividir essas tarefas com todos e todas que moram na casa e a necessidade de envolver os filhos e filhas, igualmente, desde criança.

A divisão sexual do trabalho ocupa um papel central na ordem de gênero, diferenciando as funções sociais sobre a base de pertinência a um ou outro sexo. Segundo essa divisão, historicamente os homens foram responsáveis pelas tarefas produtivas e as mulheres pelas reprodutivas – entendendo por reprodutivas não só as funções biológicas de gravidez, parto e amamentação, mas também a reprodução

⁴ Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR).

⁵ Iniciativa da Rede Feminismo e Agroecologia do Nordeste e GT Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), em parceria com diversas organizações da sociedade civil e movimentos sociais de mulheres. Em 2020 o Pró-Semiárido/CAR/SDR entrou como apoiador da campanha.



social da vida cotidiana, isto é, as tarefas associadas à criação dos filhos/filhas e ao cuidado da família –, sendo que os primeiros se desempenham na esfera pública, enquanto que as mulheres realizam essas tarefas fundamentalmente na esfera privada/doméstica. Além disso, estes são espaços de reflexão sobre as relações sociais de gênero, com interfaces étnico-racial e geracional, que possibilitaram maior compreensão das dificuldades enfrentadas pelas mulheres no campo produtivo, reprodutivo e organizativo.

A metodologia destes encontros mistos permitiu a troca de saberes e experiências entre homens e mulheres, valorizando a mulher e priorizando sua participação efetiva através de técnicas grupais, ferramentas de facilitação e ludicidade.

De forma participativa, através de perguntas motivadoras e de dinâmicas de grupos pensamos sobre a divisão sexual do trabalho, focando no doméstico, mas refletindo sobre o trabalho reprodutivo e produtivo, sobre o prisma feminista, enfocando elementos teóricos, para a desconstrução da cultura androcêntrica, patriarcal, machista e sexista.

Acreditamos que conseguimos sensibilizar todos e todas, ao refletir sobre as atitudes machistas do dia a dia, geralmente causadas pelos homens, e que machucam e agridem principalmente as mulheres e as crianças.

O depoimento de seu José Joaquim confirma essa sensibilização para o tema e quem sabe mudanças de atitudes.

Meu nome é José Joaquim dos Santos, sou do projeto Pró Semiárido, faço parte do grupo de mandioca, tenho 70 anos, sou casado há mais de 40 com minha mulher, eu sempre dividir as tarefas domésticas com Jacira, em casa ela fazia uma coisa e eu fazia outra, mas a gente sempre aprende uma coisa nova no projeto, veio as reuniões, teve com os homens, mulheres, depois tudo misturado, homens e mulheres nas reuniões, a gente entende que não é ajudar, temos que fazer a nossa parte, nós não somos hóspedes, nós homens, somos de casa, sujamos, bagunçamos, então temos que fazer nossa parte, não é tudo da mulher, temos que fazer sempre!

(José Joaquim, TR Unidos pela Grota – Miguel Calmon)



Encontro Misto. TR Unidos pela Grotá – Miguel Calmon – BA. Janeiro 2020. Fonte: Pró –Semiárido

A dinâmica do relógio , foi lúdica e proporcionou observar a rotina diária das atividades ditas de mulher e de homem rurais, onde em grupos específicos, fizeram a descrição de atividades realizadas, geralmente, pelas mulheres e pelos homens. Essa dinâmica, em seu desenrolar ajudou a colocar em evidência a sua distribuição, tornou visível o trabalho que desempenha cada membro da família e permitiu compreender o funcionamento das relações sociais de gênero na família e na comunidade, se ocorre o apoio mútuo nas realizações das atividades domésticas, dos cuidados com os filhos e filhas, na produção e na organização, os esforços de uns e outros, o intercâmbio e os conflitos. Visualizar a divisão de trabalho entre homens e mulheres e tornar evidente a carga de trabalho real da mulher. Contribuir para a valorização do trabalho desenvolvido pelas mulheres.



Encontro de Misto. TR União – Várzea do Poço – BA. Janeiro 2020. Fonte: Pró – Semiárido

A foto ilustra a apresentação do grupo das mulheres com a dinâmica do relógio em grupo, ferramenta aplicada para avaliar a rotina diária da mulher e do homem fazendo-os refletir sobre a jornada dupla de trabalho da mulher e a valorização do seu trabalho que na maioria das vezes não é reconhecido por seus esposos, principalmente o doméstico, apesar de ser fundamental para a sustentabilidade da vida, pois não é visto como uma atividade que gera renda monetária.

Trabalhar gênero nas comunidades rurais tem permitido que um número cada vez maior de mulheres e homens possam refletir sobre as desigualdades de gênero, étnico-raciais e as questões culturais do machismo, do sexismo, do racismo e geracionais, presente no cotidiano dessas pessoas. Nestes encontros contamos com uma participação expressiva de casais, carregado de muita emoção, sorrisos, aprendizagens, troca de experiências e declarações dos esposos para suas companheiras.

Foto - Encontro Misto. TR
Unidos pela Grota – Miguel
Calmon – BA. Janeiro 2020.
Fonte: Pró – Semiárido



Foto - Encontro Misto - Assentamento Vila Nova - Ourolândia - BA.



O depoimento de Antônio Marcos Alves dos Santos, da comunidade Pai Afonso, município de Milguel Calmon (BA), agricultor, expressa o conteúdo trabalhado no encontro misto:

“Ser esposo é contribuir, eu não ajudo minha esposa, eu faço minha obrigação! Acabei de ver a luta da mulher a partir do meu trabalho na firma e quando terminava as atividades ia cozinhar. Tenho prazer em minha vida pelo que aprendi.”

Nas partilhas de vida e sentimentos das mulheres que participaram dos encontros mistos, mostra como essas atividades foram importantes para desencadear momentos de reflexão, trocas e aprendizados como podemos observar nos relatos das agricultoras Valdete e Romilda:

“O Encontro Misto me ajudou muito, a gente pensa no que vivia antes, eu aprendi algo que não sabia, até lidar com a minha própria situação, como criar e saber falar com meus filhos para não fazer o que meu pai fez comigo “prender a liberdade da pessoa”, não tive como estudar por causa da prisão que meu pai tinha comigo e esse encontro teve um objetivo muito especial pra mim, desabafei e aprendi bastante, foi maravilhoso! Outro dia estava pensando em ter mais encontros desses, pra gente conversar, falar algo que prende a gente”.

(Dona Valdete Rocha Pereira, Assentamento de Santa Luzia, município de Ourolândia)

“O Encontro Misto permite que as mulheres tenham uma visão mais ampla de vários fatores que acontecem em relação a própria família, pai, mãe e filhos/as, esposo e esposa. O encontro veio fortalecer as comunidades, as mulheres, as relações. Adorei bastante os facilitadores. Só tenho a agradecer e espero que tenham mais encontros.”

(Romilda Santos de Jesus, Assentamento de Santa Luzia/, município de Ouro-lândia)

Nota-se a partir dos depoimentos que as agricultoras encontraram nesses espaços um local de partilhas, apoio das companheiras, fortalecimento, confiança para desabafar e mudar a realidade dela com a família e a criação dos filhos e filhas.

Depoimentos como esses nos enchem de alegria e orgulho, reafirmam o compromisso do projeto no fortalecimento das ações de gênero, a boa convivência familiar e o trabalho comprometido dos técnicos/as, assim como a participação efetiva dos agricultores e agricultoras nos eventos.





Encontros Étnico -Raciais: identidades, ancestralidades e conexões

Essa temática étnico-racial devido ao grau de complexidade e por ser uma ação inovadora para um projeto de desenvolvimento rural, nos levou a efetivar um contrato com a entidade Cáritas Brasileira Regional Nordeste III, que já tinha uma vasta experiência, comprovada, em trabalhar no universo rural com processos de conscientização e construção de identidades, com povos e comunidades tradicionais. Estes encontros foram realizados pela facilitadora, Flávia Palha, integrante da Cáritas.

Esses encontros tiveram o objetivo de sensibilizar as pessoas para as questões de raça e etnia. Iniciamos desenvolvendo momentos de formação para as equipes técnicas das UGPs, para as equipes das entidades de Ater/ATC e ACRs. Já a formação para os/as participantes do Projeto, levaram a identificação das relações de dominação que estruturam o contexto sócio-histórico como um sistema que interconecta as opressões de raça, classe e gênero, mas, inicialmente, precisam ser analisadas no seu entrelace e na sua potencialidade de se interceptarem. Refletimos sobre a discriminação racial e sua imbricação com o sexismo. É evidente que as características de raça e sexo das mulheres trazem consigo sua origem, modos de agir, pensar e sentir específicos, que se manifestam em traços físicos marcantes de seu grupo racial e indicativos de seu lugar social. Também por serem, em muitos casos, pobres, negras, rurais são colocadas em um lugar de inferioridade social no qual são mantidas, como se sua condição e posição fossem o

resultado imutável ou natural da vida e não tivesse por detrás todo um aparato social hegemônico e opressor, muitas vezes invisível.

Nas oficinas direcionadas aos Territórios Rurais, parte dos temas coincidem com o conteúdo trabalhado nas oficinas de sensibilização para técnicos (as). A ação se estrutura na sensibilização pedagógica, na medida em que atuamos de acordo com os conhecimentos prévios das pessoas, baseada na práxis pedagógica a partir da referência de Paulo Freire, de ação-reflexão-ação. Esta dinâmica nos permite não só aferir o nível de compreensão em relação ao seu aprendizado, como também a refletir nossos mecanismos pedagógicos e se necessários ajustá-los as realidades e/ou aprimorá-los para garantir a efetividade e eficácia nos resultados.

Os temas previstos no termo de referência e trabalhados nos processos formativos foram: identidade étnico-racial; questão étnico-racial no Semiárido baiano e suas interfaces com as dimensões de classe, gênero e geração; estratégias de resistência e defesa de direitos de povos e comunidades tradicionais; trajetória de organização dos povos e comunidades tradicionais; o Estado Brasileiro frente aos povos e comunidades tradicionais; caminhos e ferramentas para incorporação da dimensão racial nas várias áreas de atuação das associações locais.



I Encontro Quilombola. Jacobina (BA), novembro de 2021. Foto: Fábio Arruda.

Estes encontros tiveram uma metodologia participativa, de forma descontraída e regada de muitos sorrisos, por meio da dinâmica do espelho tendo em vista conhecer o perfil e a história de vida dos agricultores e agricultoras, trabalhando reflexões sobre si mesmos, o autoconhecimento e a valorização, além de rodas de conversa carregada de muitos sentimentos. A dinâmica contribuiu para elevar ainda mais a autoestima dos/das participantes.

A metodologia participativa fortalece a construção coletiva, o respeito ao outro, a bagagem trazida por todos e todas; idosos, jovens, adolescentes, adultos e crianças e a relação concomitante entre teoria e prática, bem como a valorização do ser humano, a importância das relações sociais, culturais e históricas para o debate construído. As discussões são enriquecidas a partir de materiais lúdicos contextualizados com as temáticas abordadas. Utilizamos técnicas grupais pedagógicas com o objetivo de envolver os/as participantes nos temas, integrá-los e despertar o interesse a partir das “brincadeiras” que vão se estruturando em cada atividade.

Um exemplo são as oficinas de bonecas Abayomis⁵, realizadas durante a discussão sobre a diáspora e a escravidão. Para acalantar seus filhos a bordo dos “tumbeiros” – navios que realizavam o transporte de pessoas escravizadas entre África e Brasil – as mães africanas rasgavam pedaços de suas roupas e a partir deles criavam pequenas bonecas, feitas nós e/ou trançam, que serviam como brinquedo e simbolizavam proteção, como um amuleto.

Confecção de abayomis durante oficina de gênero, raça e etnia.
Foto: acervo CAR/Pró-Semiário



⁵ As Abayomis eram bonecas feitas com pedaços de tecidos das saias das negras escravizadas e utilizadas para acalantar as crianças durante a viagem entre a África e o Brasil.





Foto: William França

Gênero e Juventudes rurais

Os encontros tinham o objetivo de ouvir os jovens (homens e mulheres) e pensar com eles e elas como seria o trabalho específico. Iniciamos um levantamento por escritórios: Juazeiro, Jacobina e Senhor do Bonfim; dos grupos específicos de jovens (homens e mulheres), existentes nas comunidades e nos Territórios Rurais. Conhecer e ouvir os jovens (homens e mulheres), principalmente os que estavam presentes, mesmo de forma tímida, nas dinâmicas organizativas locais de suas comunidades.

Ao longo da intervenção, fomos tentando desconstruir os estereótipos de gênero, de raça e geracional, as imagens que são construídas na família, na escola, na sociedade sobre a juventude, nos veículos de comunicação que nem sempre correspondem à realidade. É necessário considerar a diversidade e a complexidade do universo do jovem real (homem e mulher), que hoje habita as cidades e o campo.

Utilizamos como ferramenta metodológica, os intercâmbios entre os grupos de jovens, para construir uma dinâmica de troca de experiências e fortalecer as iniciativas coletivas socioculturais, ambientais, organizativas e de produção agrícola ou não-agrícola. Junto com as entidades parceiras desenvolvemos encontros de formação temáticos, por eles e elas escolhidos. Na perspectiva de motivar os jovens (homens e mulheres) a participar das capacitações tanto para produção como para gestão administrativa e financeira dos empreendimentos, apoiando o protagonismo dos jovens (homens e mulheres) nessa atividade.

Trabalhamos as temáticas de gênero, raça/etnia na formação dos jovens (homens e mulheres) ACRs e Jovens Comunicadores, em conjunto com o Componente Capital Humano e Social e com a Assessoria de Comunicação do Projeto. Essa ação estratégica incentivou a participação dos jovens (homens e mulheres) como comunicadores sociais, em atividades de educação para o uso das mídias, criação de cordel, fotografia, produção de conteúdo educativos que se relacionavam com o universo da agricultura familiar e outras que eram de interesse deles. Essa ação com Jovens Comunicadores foi realizada pela assessoria de comunicação do Projeto, em parceria com IRPAA e SASOP, apoiando os três grupos de jovens dos municípios de Juazeiro e Remanso, trabalhados anos atrás, pelos nossos parceiros.

Estrategicamente, aproveitamos a formação das/os cirandeiras/os, para envolver os jovens (homens e mulheres) nesta atividade. Ao mobilizar, capacitar e estimular uma maior participação na comunidade, como educadores e educadoras nas temáticas principais, proposta pelo Pró-Semiárido, fortalecemos esses jovens dessas comunidades e colaboramos na qualificação dessas lideranças comunitárias.

Essas ações estimularam e valorizaram os jovens, que estavam presentes nas comunidades rurais, eles e elas perceberam a importância da sua participação política, nas cooperativas, nas Redes, nas organizações associativas, comunitárias e regionais.

Nosso desafio foi envolvê-los nas diversas ações e atividades promovidas pelo Pró-Semiárido, levá-los a pensar sobre sua realidade individual e coletiva no semiárido, para



Jovens membros da Coomafs.
Foto: Manuela Cavadas

despertar neles e nos outros, que ainda pensam em sair para as grandes cidades, o interesse de se envolverem na vida cotidiana das suas comunidades.



Jovem defensor da Caatinga, município de Mirangaba (BA).
Foto: Fábio Arruda.



O desabrochar de Izabel e a força ancestral que passa de mãe pra filha

Por Aline Queiroz

Desde aquele Encontro Misto em que minha vó Judite quebrou o silêncio e falou o que pensava sobre a organização da comunidade, o papel das mulheres e a importância de ter uma mulher na presidência da associação, o zum zum foi grande! A mulherada começou a se movimentar, uma conversa no terreiro aqui, um cochicho na porta da igreja no final da missa ali, e lá estavam elas remoendo o assunto. A voz de dona Judite ressoou no coração delas, e principalmente no coração da minha mãe Izabel.

Mas me deixe fazer uma pausa aqui para falar de uma coisa bem bonita. Pense comigo, como essas mulheres poderiam se organizar, aprender, participar com tantas tarefas para fazer durante todo o dia, casa, marido e, principalmente, em sua maioria, com filhos pequenos?! Pois bem, o Pró-Semiárido pensou nisso e trouxe para a comunidade as Cirandas das Crianças. Era o que faltava para mainha tomar fôlego. Num uma tinha oficina, reunião, capacitação que ele não estivesse presente, pois agora tinha com quem deixar Joaquim e Joana, meus irmãos de 4 e 2 anos.

Painho não gostou muito da ideia do sobe e desce dela, ainda mais da história de “deixar os mininu pelas mãos dos outros”. Essa conversa de seu Adailton durou até o dia da Assembleia Geral Extraordinária em que uma nova diretoria da nossa associação seria escolhida. Ô dia bom, viu?! Ninguém vai esquecer daquilo não.

Eu estava conversando com Bianca embaixo do pé de juá esperando dá a hora da reunião, quando comecei a observar as mulheres chegando para reunião, uma a uma, de duas em duas. Algumas estavam com semblante meio tenso, outras riam como se escondessem um segredo. Elas chegavam deixavam as crianças nas Cirandas, organizada ali mesmo do lado da sede da associação, e se acomodavam no salão. Nem Antenor, o presidente da associação, nem eu e nem ninguém tinha visto tanta mulher em uma reunião da associação.

Painho me olhou de longe, assim que eu entrei na igreja. O jeito que ele me olhou era como se perguntasse: “Isso é coisa de tua mãe, não é, Jorge?!”. Eu dei de ombros porque realmente não sabia ao certo qual era o “plano”. Não demorou e Antenor, meio agoniado, abriu a reunião e com o jeito autoritário de sempre falou para dona Sofia, a secretária, iniciar a redação da ata. Até dona Sofia estava um pouco diferente, ela tinha um sorrisinho no rosto meio desafiador. O bom foi que esse dia histórico foi registrado!

Dia histórico porque uma chapa totalmente feminina se inscreveu para concorrer às eleições da diretoria.

Antenor nem sabia o fazer com os documentos que as mulheres lhe entregaram, tudo certinho como regia o Estatuto da Associação. A ele só restou iniciar a votação, mas antes minha mãe pediu a palavra.

“Em primeiro lugar, agradeço a minha mãe Judite por sua voz de encorajamento e que nos desafiou a estar aqui hoje concorrendo nessa eleição. Agradeço a todas as mulheres que toparam esse desafio junto comigo e, por fim, ao Projeto Pró-Semiárido por ter nos fortalecido e nos possibilitado nos enxergar a partir da força e capacidade que sempre tivemos. Quero dizer também que esse não é um movimento de mulheres contra homens, nós queremos muito aprender e contamos com vocês. Mas, agora, chegou a nossa vez!”

A mulherada aplaudia, se abraçava, pulava! Gente, eu senti uma emoção tão grande, tão grande que chorei feito criança. Quando levantei as vistas painho também estava chorando e abraçou minha mãe com um carinho que eu ainda não tinha visto. Ele olhava com admiração para ela, e eu tenho certeza que aquela cena tocou a todos e todas ali, principalmente aos seus compadres.

Começou a contagem dos votos. Antenor ficou meio de canto com o pessoal da sua chapa, eles foram pegos de surpresas. Não teve briga, não. Mas a cada papelzinho que dona Sofia abria e anunciava o voto, a tensão aumentava. 1 a 1, 17 a 15, 22 a 28. Izabel e a sua trupe estavam eleitas com uma diferença de seis votos! Começava ali um novo ciclo na comunidade de Riacho, sob a batuta das mulheres, sob as bênçãos de dona Judite.

Calma, não terminou, não. O povo se acalmou um pouco e Antenor chamou as crianças e a Cirandeira para a apresentação do trabalho que estava sendo realizado por elas, enquanto a assembleia acontecia. Puxando a fila, adivinha quem? Isso mesmo, Joana. Toda prosa, cheia de direito como se diz por aqui. Parecia que ela dizia: “Me aguardem!” Painho me olhou novamente com os olhos marejados. Cada criança segurava um desenho com figuras de mulheres desempenhando diversos papéis. Pedro iniciou dizendo: “Essa aqui é a minha irmã Leila, ela vai ser professora”. Assim seguiu a apresentação, conduzida por Paula, filha de dona Silvia, a cirandeira de nossa comunidade.

Ao final, todas as crianças juntas em um coro forte gritaram bem alto: “A mulher pode estar onde ela quiser. Na roça, na igreja, na faculdade. Pode até pilotar o fogão, mas também ser a presidente da associação”.



Encontro ético-racial realizado na parceria com a Cáritas, na comunidade Caldeirão do Mulato, no município de Antônio Gonçalves. Foto: Elka Macêdo.



Ciranda das crianças realizada durante
I Encontro das Guardiãs da Agrobiodiversidade.
Foto: Manuela Cavadas.

Capítulo 3

AS CIRANDAS DAS CRIANÇAS, A INCLUSÃO E A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES

A “Ciranda das Crianças” é uma estratégia com o foco em combater as desigualdades de gênero e de geração, é uma ação afirmativa, para garantir a inserção e participação das mulheres nas diversas atividades organizativas e produtivas. Além de ser a forma encontrada para inserir as crianças no Projeto. Com essa ação desencadeamos um processo de sensibilização das crianças, para as relações de gênero, para as questões de raça, etnia na perspectiva de desconstrução de preconceitos raciais e de gênero, mas também um espaço para ser criança, para aprender de forma lúdica e por intermédio de brincadeiras pedagógicas sobre agroecologia, convivência com o semiárido, segurança alimentar e hídrica, questões ambientais e outras. Sabemos que com essa ação afirmativa investimos na preparação de futuras lideranças comunitárias.



Foto:Fábio Arruda

A CIRANDA DAS CRIANÇAS: UMA ESTRATÉGIA AFIRMATIVA PARA O ENFRENTAMENTO DAS DESIGUALDADES DE GÊNERO DO PROJETO PRO-SEMIÁRIDO.

*Giçara Maria Carvalho Cadidé
Deyse Sayonara Sousa Oliveira¹*

A Ciranda das Crianças é uma ação pedagógica, inovadora e estratégica desenvolvida por cirandeiras e cirandeiros, articulada com os/as agentes de desenvolvimento rural, associações e equipes técnicas, com acompanhamento especial da equipe do Componente de Desenvolvimento Humano e Social da CAR⁸. Essa ação tem como objetivo, promover condições de igualdade de participação de mulheres e homens nas atividades produtivas e organizacionais apoiadas pelo Projeto em seus Territórios Rurais e, ao mesmo tempo, integrar as crianças ao processo formativo vivenciado por seus pais. A partir do acolhimento dos/as filhos/as durante o processo de capacitações, a ciranda possibilitou a participação ativa das mulheres nas atividades de formação do Projeto, expandindo assim, seu universo político, cultural e educativo. Essa oportunidade tem possibilitado a construção da equidade e tem colaborado na evolução do processo de empoderamento feminino.

A possibilidade de participar integralmente das atividades gerais do Projeto oportunizou às mulheres condições de ocupar lugares de poder e de exercer funções importantes como a de gestão frente as associações, grupos produtivos, participação em conselhos municipais, bem como espaços de geração de renda. O avanço no movimento de organização comunitária foi fortalecido com a garantia da participação feminina. A ferramenta fortaleceu também as ações do Projeto, visto que as mulheres desempenham um papel de suma importância na sua execução, agora potencializado pela qualificação adquirida pela oportunidade de participação que foi garantida. Nos Territórios Rurais, a cirandeira e, ou cirandeiro tornaram-se parte essencial das reuniões das associações e cooperativas.

¹ Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional



Descrição da Experiência

A Ciranda da Crianças é, por essência, um espaço de vivências lúdicas, um lugar onde as crianças podem reinventar suas fantasias, exercitar o diálogo e enxergar-se enquanto crianças. Através da metodologia participativa e descontraída, a ciranda tem proporcionado uma participação cada vez mais efetiva de crianças, com cantigas de roda, jogos, brincadeiras infantis, contos, pinturas, cordel, danças, poesias, teatro, grupos de trabalho resgatando a cultura das comunidades.

O trabalho lúdico e pedagógico desenvolvido por cirandeiros e cirandeiras, compartilha conteúdos que perpassam por várias temáticas inerentes aos espaços rurais onde vivem em um processo de sensibilização com enfoque de gênero, trabalhando a desconstrução do machismo e o preconceito étnico-racial. Envolve as crianças que acompanham seus pais nos espaços onde estas formações ocorrem e por isso, são realizadas em diversos lugares como, na sede de associação, escola, galpão ou até embaixo das árvores. O importante é que o cirandeiro ou cirandeira sempre promova brincadeiras, cantorias, contação de histórias, confecção de brinquedos e outras atividades que permitam o olhar sobre o lugar onde essas crianças vivem, suas percepções sobre si e suas famílias e sobre o ambiente social e cultural no qual convivem. Ao final do encontro, realizavam apresentações para os pais que se sentiam orgulhosos e emocionados diante de tamanha grandeza.

Tanto as mulheres quanto os homens, puderam assumir a tarefa de cirandeiros e cirandeiros. A escolha das pessoas para desenvolver o trabalho foi feita pelas comunidades, a partir de critérios definidos em assembleia com todos os participantes no início do Projeto. Essas cirandeiros e cirandeiros participaram de um processo de formação desenvolvido pela equipe do Instituto RUMOS na região de Senhor do Bonfim e pela entidade ARESOL na região de Jacobina. Os ciclos de formação desenvolvidos deram um salto qualitativo na realização das cirandas. A capacitação foi um marco norteador para as cirandeiros e os cirandeiros envolvidos no processo. O aprendizado construído facilitou o entendimento da Ciranda das Crianças e deu significado a proposta, transparecendo sua profundidade e amplitude. O processo educativo compartilhado na capacitação produziu um sentido real para atividade.

“Sou Aliete, Agente Comunitária Rural do Território Rural Quilombos do Semiárido no município de Campo Formoso. Eu acho a ciranda de suma importância pois uma das dificuldades das mulheres sempre foi participar dos eventos e quando participavam não prestavam atenção porque as crianças tiravam sua atenção. Com a ciranda, as mulheres têm mais autonomia pois podem participar ativamente das reuniões sem preocupação pois sabem que seus filhos estão nas mãos de pessoas preparadas para cuidar deles, sem falar que é um cuidar que envolve o brincar e o educar porque ao mesmo tempo que as crianças brincam, elas também aprendem e se educam. Até porque temos hoje material didático contextualizado deixado pelo Projeto que faz com que esse brincar torne-se um brincar e um educar ao mesmo tempo. Para mim essa proposta chegou para estar revolucionando as comunidades e essas mulheres que hoje podem participar ativamente das oficinas sem preocupação.”

(Aliete Gama, Lage dos Negros, Campo Formoso - BA)

A Ciranda trouxe para essas mulheres uma tranquilidade que antes não tinham, e por isso não conseguiam se dedicar totalmente aos trabalhos comunitários e até mesmo de produção individual. Isso dificultava a inclusão delas nas atividades passando esse privilégio para os maridos. Com a oportunidade oferecida pela ação das cirandas, as mulheres puderam mergulhar de forma igualitária junto com os homens nas atividades formativas e isso trouxe poder para o grupo feminino que passou a se destacar em todas as atividades, sociais, organizacionais e produtivas. O conhecimento trouxe maior visibilidade e força para as mulheres.

“Eu me chamo Jarlison, sou morador do Assentamento Lagoa de Dentro, município de Ourolândia, Território Umbuzeiro. Sou cirandeiro e confesso que exercer essa função foi um dos maiores desafios que já enfrentei, tanto no processo de desconstrução dessa modalidade na sociedade na qual estamos inseridos, onde a tarefa de olhar as crianças é agregada ao gênero feminino, como também da responsabilidade para com as mães. Desde que aprendi a ser cirandeiro, eu fui trabalhando nas rodas de ciranda uma metodologia que é ensinada pela educação do campo, que é o curso no qual estou inserido, então trabalhamos identidade, trabalhamos autoaceitação, autorreconhecimento, já que as mães estavam em processo de formação, eu não permiti que as crianças viessem somente para brincar, por isso eram escolhidas brincadeiras visando um novo aprendizado para

elas... Confesso que me sinto realizado de fazer parte dessa desconstrução, dessa formação para as nossas crianças, é muito importante que essas cirandas não fiquem restritas só as reuniões e formações do Pró Semiárido. Como estudante e militante, ser cirandeiro para mim foi algo maravilhoso, quero continuar pregando esses conhecimentos.”

(Jarlisson Silva, Cirandeiro, Assentamento Lagoa de Dentro, município de Ouroilândia).

A Ciranda integrou as crianças das comunidades ao processo formativo vivenciado por seus pais e ou cuidadores. Na Ciranda, as crianças foram inseridas no processo de aprendizagem e passaram a ser protagonistas junto com os pais. Isso fortalece a comunidade, na medida em que se desenvolve uma geração mais preparada e consciente sobre o lugar que ocupa na comunidade. Essa compreensão desenvolve o amor por seus espaços de convivência e ensina essas crianças a se sentirem parte deles. O aprendizado produziu uma nova consciência coletiva sobre equidade de gênero, raça, etnia, igualdades de direitos e de condições. Essa nova consciência já está sendo traduzida para a infância com a ação da ciranda, quando as brincadeiras e demais atividades trazem esse conteúdo para serem compartilhadas de forma igualitária entre meninos e meninas.



Você pode saber mais sobre a experiência do Pró-Semiárido com as Cirandas das Crianças acessando a publicação Ciranda das Crianças: experiência lúdico-metodológica no âmbito do projeto Pró-Semiárido.





**Ciranda das crianças realizada durante I Encontro das Guardiãs da Agrobiodiversidade.
Foto: Manuela Cavadas.**



As primeiras vitórias, um samba e a construção de um novo mundo

Por Aline Queiroz

A assembleia da eleição terminou e todo mundo foi para a casa de minha vó. Você acredita que ela já tinha preparado até comes e bebes? A minha velha estava era muito confiante! Aí já viu, comida de dona Judite e mainha eleita presidente da associação, não deu outra: foi samba até de manhã. Eu acho que não mencionei, mas lá na comunidade, alegria é sinônimo de samba! Como falei antes, a gente não sabia que o nosso lugar era um quilombo, mas as tradições dos nossos ancestrais permaneceram vivas entre nós.

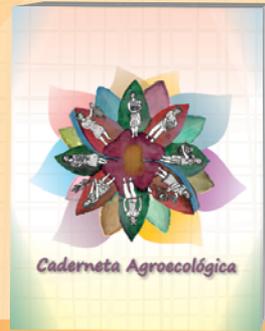
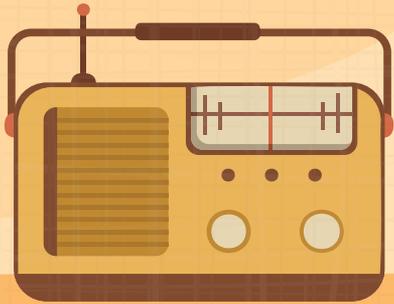
Estava tudo bem, tudo lindo, até Bianca dizer: “Jorge, agora o teu trabalho como ACR vai ser com tua mãe, hein?! Ela vai ser sua “chefe””. Eu não sabia se ria ou chorava, parei até de sambar. Dona Izabel não é moleza, não. Com ela é “mosca na corda e mosquito no arame”! Ou seja, ela gosta de tudo nos conformes, não escapa nada. Quando você vai com farinha, ela já vem com tapioca. O samba foi bom, e lá mesmo na festa a presidente marcou a primeira reunião.

Dona Izabel sempre foi organizada, mas algo mudou depois que ela começou a anotar nas Cadernetas Agroecológicas, metodologia adotada pelo Pró-Semiárido e abraçada pelas agricultoras da comunidade e que tem revolucionado as relações familiares, produtivas e econômicas. Eu vou resumir, as mulheres passaram a anotar na Caderneta tudo que elas produziam e mais o consumo, a venda, as trocas e doações. Foi aí que elas descobriram o quanto contribuía com a manutenção da casa, a renda gerada com o trabalho desenvolvido de sol a sol e, principalmente, o quanto são importantes para a gestão da propriedade familiar.



Lá em casa painho se vê agoniado, pois toda vez que ele diz que é ele quem bota dinheiro dentro de casa, dona Izabel aponta para a Caderneta pendurada do lado da foto de minha vó Judite em lugar vistoso na sala de casa. E como não se faz a revolução sozinha ou sozinho, a utilização das Cadernetas Agroecológicas foi ponto de pauta da primeira reunião da diretoria. A proposta foi reunir as mulheres da comunidade, junto com a técnica da entidade de Assessoramento Técnico Contínuo, para reforçar a importância da anotação na Caderneta e o quanto a metodologia era importante para elas.

A primeira reunião terminou foi tarde, a conversa durou que só. Eu saí com uma lista de atividades, entre elas ir à casa das agricultoras fazer a mobilização para o encontro sobre as Cadernetas, e com uma reflexão: “Como foi que eu cheguei a pensar que não tinha mulher na comunidade capaz de presidir a associação!”.





Exposição dos mapas da agrobiodiversidade, durante o I Encontro das Guardiãs da Agrobiodiversidade, dezembro de 2019, Senhor do Bonfim (BA). Foto: Manuela Cavadas

Capítulo 4

AS CADERNETAS AGROECOLÓGICAS, A INVISIBILIDADE E O PODER PRODUTIVO E ECONÔMICO DA MULHER AGRICULTORA

Ana Elizabeth Siqueira ¹

A **Caderneta Agroecológica**⁹ (CA) é um instrumento político-pedagógico que nos possibilita conhecer e visibilizar a contribuição econômica, ecológica, social e cultural das mulheres rurais, para a economia familiar, segurança e soberania alimentar e agroecologia.

A **metodologia das Cadernetas Agroecológicas**, estratégia das ações com enfoque transversal de gênero, também possibilitou fortalecer as **Articulações e Construção de Parcerias**, pois o processo metodológico foi apreendido e internalizado pelas agricultoras, pelos/as ACRs e pelas equipes técnicas das entidades de ATC. Algumas entidades como o Irpaa, Sasop, Idesa, Cactus e Aresol, incorporaram a metodologia da caderneta agroecológica, como uma de suas estratégias de trabalho com as mulheres rurais, com a finalidade de favorecer a autonomia econômica dessas mulheres e como forma de valorização do papel das mulheres agricultoras na construção do conhecimento agroecológico.

Outras parceiras, como a Rede Mulher do Território Sertão do São Francisco, que envolve os 10 municípios que compõem o território, também **incorporaram a utilização das Cadernetas Agroecológicas**. Os resultados e análises do segundo ano da pesquisa das Cadernetas (na pandemia) na área do Pró-Semiárido foi usado como referência, para Superintendência Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural (BahiaTer), que também adotou a ferramenta nas modalidades dos editais de ATER Mulheres Rurais e ATER Agroecologia.

¹ Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional

A incorporação da metodologia das Cadernetas Agroecológicas² pelo Pró-Semiárido foi uma das estratégias para concretizar o enfoque de gênero dando visibilidade ao trabalho da esfera do componente produtivo, realizado pelas mulheres agricultoras, ao levantar os dados da produção no seu agroecossistema. Com o levantamento e sistematização dos dados registrados na CA, em suas quatro colunas: o consumo, a troca, a venda e a doação do que é produzido pelas mulheres no quintal, na roça, na unidade familiar, as 268 mulheres agricultoras anotaram nas Cadernetas, por dois anos consecutivos, isso nos possibilitou analisar a contribuição das mulheres rurais, para a economia familiar e para a reprodução do seu agroecossistema.

A inovação da CA é incorporar as atividades realizadas para o autoconsumo e as atividades para a reprodução da vida, trabalho doméstico e de cuidados, considerados como parte da economia, dessa forma quebrando com a lógica mercantil. O diferencial desse instrumento é considerar nas análises econômicas as atividades não-monetárias realizadas pelas mulheres, como o consumo, a doação e a troca. Além de estimular e fortalecer as relações de solidariedade na família e na comunidade.

Com os resultados das Cadernetas Agroecológicas verificamos que as mulheres contribuem efetivamente, para o orçamento doméstico familiar. Percebe-se que as mulheres vêm assumindo um papel de chefia e provedoras de família.

É importante frisar que as equipes técnicas das entidades de ATC e os jovens, homens e mulheres, ACRs tiveram um papel fundamental para a aplicação, acompanhamento e monitoramento da metodologia das Cadernetas Agroecológicas junto às mulheres agricultoras, já que são responsáveis em orientar e motivar as anotações diárias, além de devolver e refletir sobre e os resultados da produção de cada mulheres.

O segundo ano (2020) do uso das CA tivemos um desafio ainda maior, pois enfrentamos a pandemia e a necessidade de isolamento social, mesmo assim intensificamos a estratégia de transversalidade das ações de gênero, com o componente produtivo. E nos adequamos aos procedimentos de segurança para não contrair ou disseminar o Covid-19, criando formas alternativas de dar continuidade ao processo metodológico em curso, através de fotos das páginas das CA preenchidas pelas agricultoras, enviadas pelo WhatsApp e com a colaboração dos Agentes Comunitários Rurais (ACRs), que são das comunidades continuamos à coleta dos dados sobre a produção das mulheres, para pesquisa sobre a **Utilização das Cadernetas Agroecológicas**.

² Este instrumento foi criado em 2011, pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM) em parceria com o Movimento de Mulheres da Zona da Mata e Leste de Minas (MG) e com o Grupo de Trabalho (GT) Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA).



Dentro do processo metodológico tivemos dois encontros de devolução dos resultados das CA um realizado antes da pandemia, em dezembro de 2019, o I Encontro das Guardiãs da Agrobiodiversidade do Semiárido Baiano, que envolveu aproximadamente 330 mulheres agricultoras em Senhor do Bonfim. E o segundo ano de utilização das CA, realizamos o II Encontro das Guardiãs da Agrobiodiversidade do Semiárido Baiano, com o *tema - Cadernetas Agroecológicas: A ousadia de ser mulher e protagonizar saberes, curas e resistência.*

No período de pandemia tivemos que nos reinventar para animar as mulheres envolvidas na pesquisa das CA e fortalecer o acompanhamento à distância, a equipe de comunicação criou a **Série Guardiãs da Agrobiodiversidade** - divulgamos dez depoimentos das agricultoras, em formato de Campanha durante um mês, publicando três depoimentos por semana, para ser circulado nos grupos de WhatsApp, durante o mês de julho de 2020. Com essa série a voz das mulheres das CA foram ouvidas, por meio dos seus depoimentos ficamos sabendo como essa metodologia impactou suas vidas.

A consultora Elisabeth Cardoso concluiu a análise dos dados de mais um (1) ano da pesquisa - 2º ano de utilização das cadernetas agroecológicas na **pandemia** - período que compreende setembro de 2020 a agosto de 2021 - totalizou 3.394 cadernetas preenchidas. Desse total, 2.707 cadernetas agroecológicas estão aptas para o processo de sistematização e análise, as quais foram preenchidas por 268 agricultoras, desconsiderando repetições, inconsistências e linhas vazias (cadernetas incompletas).

Com a sistematização dos dados das Cadernetas Agroecológicas preenchidas pelas 268 agricultoras entre setembro/2020 e agosto/2021 temos uma produção de R\$ 1.093.508,14 (um milhão, noventa e três mil, quinhentos e oito e quatorze centavos), gerando uma renda média mensal de R\$ 403,96 (quatrocentos e três reais e noventa e seis centavos) para cada agricultora. A renda foi gerada com a produção de 659 (seiscentos e cinquenta e nove) produtos diferentes de origem animal e vegetal.



VALOR TOTAL DA PRODUÇÃO:
R\$ 1.093.508,14

(setembro de 2020 a agosto de 2021)



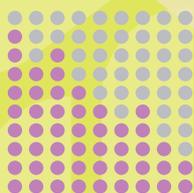
RENDA MÉDIA:
R\$ 403,96



DIVERSIDADE
DE PRODUTOS:
659



NÚMERO DE
AGRICULTORAS:
268



NÚMERO DE
PLANILHAS
PREENCHIDAS:
2.707





O menino curioso, movimentos femininos e uma comunidade transformada!

Por Aline Queiroz

No início dessa nossa conversa sobre a minha trajetória no Pró-Semiárido e como as metodologias de Gênero me transformaram, eu falei o quanto a minha visão sobre o tema estava limitada. Vou citar mais um exemplo, eu não entendia que a pauta de Gênero era importante quanto o assunto era a produção, a organização coletiva, o trabalho que as agricultoras desempenhavam, muito porque eu também achava que tudo o que elas faziam era parte do pacote de ser mãe, mulher, camponesa. Mais um equívoco!

Mas, olha, mais importante do que não saber, é estar disposto a descobrir e aprender! Ainda bem que eu sempre fui observador. Não sou muito de falar em público, mas sempre fico atento, principalmente aos assuntos em que tenho dúvida. Desde criança eu escuto: “Ô menino curioso!”. E foi essa curiosidade que me trouxe até aqui!

Lembro bem do dia em que a técnica Luzia falou sobre “transversalidade”. Eu fiquei ali ligado, ouvindo-a falar da importância das metodologias de gênero para fortalecer as agricultoras, potencializar suas vozes e dar visibilidade à força de trabalho, capacidade produtiva e econômica delas, a exemplo do que estava sendo conquistado com a utilização das Cadernetas Agroecológica.

Uma coisa que ela disse naquele dia foi bem marcante, eu até anotei no meu “caderninho de ACR”: “a medida em que fortalecemos nossas mulheres e meninas, estimulamos a melhora das relações familiares e comunitárias a partir dos princípios da equidade; valorizamos nossas origens e antepassados, incluimos as crianças todos

ganham e os resultados não são só políticos, sociais, mas também produtivos, financeiros e econômicos”.

A técnica falou a verdade e eu comprovei isso na prática. Depois de um ano e meio da presença do Projeto na comunidade, após todas as atividades conduzidas pelo Componente Social e pela Assessoria de Gênero, as agricultoras iniciaram um movimento bem legal. Elas já tinham recebido os quintais agroecológicos, aprendido novas formas de cultivos e colhiam o suficiente para alimentar a família, trocar, doar e vender na comunidade. Mas elas queriam mais e já estavam fortes o suficiente para romper os limites do arredor da casa.

Foi quando Elisabeth teve uma ideia e compartilhou com as demais: “Gente, vamos colocar uma barraca na feira?”. Os olhos das suas comadres brilharam. Após a fala de dona Beth, Cristina se encorajou a trazer uma outra ideia. “Gente, eu tenho feito umas experiências lá em casa com as goiabas que estão sobrando no quintal. Eu estou fazendo geleia! Errei o ponto umas duas vezes, mas agora está dando certo. Aí eu penso que se a gente se unir podemos fazer em quantidade e incrementar a nossa renda”.

As falas de dona Bete e Cristina animaram a mulherada. Foi um alvoroço! “Lá em casa tá sobrando muito coentro”. “Eu sei fazer um biscoito que é uma delícia”. Foi tanta ideia, tanta conversa que eu cheguei fiquei tonto. Foi quando a presidente tomou a palavra e disse: “Se é isso que vocês querem, vamos nos organizar, buscar ajuda. Eu vou pedir uma reunião com a técnica do produtivo do Pró-Semiárido. Enquanto isso, Jorge, procura o contato do pessoal daquela Rede de Mulheres lá de Novo Horizonte, quem sabe elas não podem nos ajudar”.

Esse foi mais um dia marcante na comunidade de Riacho. Saí da reunião pensativo e fui contar as novidades para Bianca. No caminho, só me lembrava da frase de Ângela Davis mencionada pela professora da faculdade na última aula sobre racismo e literatura. “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”.



AGENTE
COMUNITÁRIO
RURAL



Iraci Maria de Jesus Silva (mãe), Rozinaide de Jesus Silva (filha) e Rayssa Iohany da Rocha Silva (Neta). Comunidade Riachão, Filadélfia (BA). Foto: Manuela Cavadas

Capítulo 5

A TRANSVERSALIDADE DAS AÇÕES DE GÊNERO

Sinergias entre o Assessoramento Técnico Contínuo e a Rede Mulher Resultados do trabalho da Rede Mulher em conjunto com a equipe técnica formada por homens

*Victor Leonam Aguiar de Moraes; José Carlos dos Santos Neri;
Jacira Ladislau; Luciana dos Santos Cruz;
Iara Nogueira; Marila Rodrigues dos Santos²*

INTRODUÇÃO

A experiência é constituída da sinergia entre a Rede Mulher do município de Sento Sé e a equipe de ATC (Assessoramento Técnico Continuado) do Pró-Semiárido formada por técnicos da CAR (Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional) e do IRPAA (Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada), no município de Sento Sé - BA. Interação que ocorreu por meio de espaços de articulação em comum, como a feira agroecológica, atividades formativas da Rede Mulher, oficinas de gênero (encontro de mulheres e de homens) e articulação no colegiado territorial, durante a execução das ações do Pró-Semiárido no município de 2017 até o presente ano (2022). Isso permitiu demonstrar a relação da Rede Mulher, com processos organizativos, articulações institucionais, comercialização e apoio jurídico e emocional às mulheres em estado de vulnerabilidade, junto com a ATC. Esta aproximação contribuiu para

¹ Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional

² Rede Mulher Sento Sé

a mudança de hábitos nas comunidades e junto às equipes técnicas, além de ampliar a rede de articulação e qualificar o trabalho da ATC, aumentando a autonomia, a renda das mulheres e a conquista de espaços de empoderamento e articulação.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA “REDE MULHER E ATC”

Trabalho que iniciou com a chegada do Pró-Semiárido ao município, em 2017, e que encontrou terreno fértil por meio de trabalhos realizados entre a Rede Mulher e o Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA) fator que levou à aproximação e planejamento de trabalho conjunto, entre a Rede e a ATC, fortalecendo a relação da Rede Mulher de Sento Sé com processos organizativos, articulações institucionais e comercialização dos produtos das agricultoras

A Rede tem seu início como espaço de luta e articulação das mulheres no Território de Identidade Sertão do São Francisco nos anos 80, como movimento para enfrentamento à violência contra mulher, com apoio da Diocese de Juazeiro por meio de freiras e do Bispo Dom José Rodrigues, e teve sua atuação ampliada com a política territorial em 2008, tendo como pauta central a busca ativa de documentos de mulheres, abertura de espaços que pudessem expressar as dificuldades e principais problemas, assim como, levantar outras questões importantes como a necessidade de intervenção no debate de gênero nas organizações, dificuldade da apropriação na renda familiar e na segurança alimentar, desigualdades que influenciavam a violência doméstica e o acesso às políticas públicas.

Para propor novos espaços de formação em gênero, e de acesso à renda para as mulheres, a ATC integra ações e atividades que visam refletir a divisão justa do trabalho doméstico.

“Quando uma mulher for violentada (todos tipos de violência) todas serão”

Agricultora: Raimunda Luciana Ferreira da Silva

Assim a interação inicia em espaços formativos da Rede local de onde saem provocações de como a rede poderia se aproximar da equipe de ATC? O que ocorreu inicialmente na escolha dos Territórios Rurais e na construção dos Planos de Desenvolvimento e Investimento – PDITR, inserindo-as em várias demandas no diagnóstico e nos PDITR. Mas, foi na construção da feira

agroecológica, acesso a editais do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e apoio às associações, que a aproximação com ATC se estreitou. Com a parceria, as mulheres que compõem a Rede passaram a facilitar os encontros de mulheres, nas comunidades rurais atendidas pelo Pró-Semiárido, além disso, a Rede trouxe o debate sobre gênero para a equipe de ATC, e levantou a necessidade de a equipe ter olhar mais atento para as relações de gênero, pois quando as famílias estiverem com segurança alimentar e renda básica garantida, as intervenções de gênero podem contribuir para a melhoria das relações no ambiente doméstico.

Fatores Sociais, econômicos e políticos influenciaram na experiência, a exemplo aspectos machistas da sociedade, principalmente no campo; os fatores econômicos como a renda nos agroecossistemas que majoritariamente estão nas mãos de homens, diferindo em algumas famílias acompanhadas pela ATC e pelo trabalho da Rede, que se pode observar mudança de hábito e controle das rendas pelas mulheres, exemplo acesso ao PNAE e participação ativa na Feira Agroecológica, além de construção de manifestos buscando apoio para as mulheres nas lutas feministas e maior representatividade em espaços de construção de políticas.

Para dar evidência à sinergia entre equipe de ATC e Rede mulher, algumas ações em conjunto foram desenvolvidas, como oficinas de gênero, com condução das oficinas pela Rede Mulher com apoio da ATC. Outra intervenção foram encontros de homens, ministrados pelo técnico em desenvolvimento social e humano da CAR, com pauta construída coletivamente com a Rede.

A realização das oficinas permitiu observar pontos positivos como o acesso às mulheres, pois anteriormente a Rede tinha dificuldades de interagir; oportunizar a formação das mulheres da Rede com qualificação e experiência ao assumirem as formações de gênero; garantia de espaço de fala das mulheres sobre diversos assuntos, muitos antes não ditos, proporcionando a descoberta de informações que contribuíram para que elas pudessem se posicionar em relação aos direitos, exemplo os vários tipos de violência doméstica, permitindo em alguns casos acessar a políticas públicas como acompanhamento com Centro de Referência em Especialidades em Saúde (CRES) e a Lei Maria da Penha.

Um ponto ainda a superar é o público das oficinas, ainda pouco em relação a quantidade de famílias acompanhadas pela ATC, participando em torno de 20 a 25% do total. Avalia-se que este quantitativo tenha relação com a pandemia provocada pela Covid-19, que se estende desde o ano de 2020. Ficou como alerta a necessidade de pensar em estratégias com a ATC para a continuidade do acompanhamento do trabalho com as mulheres após as oficinas.

Portanto, as oficinas apresentaram resultados imediatos, observados pela ATC em seus diversos instrumentos de monitoramento, como maior empoderamento das mulheres sobre diversos temas, principalmente dos seus direitos, a utilização e valorização das Cadernetas Agroecológica e percepção da renda monetária e não monetária, a apropriação da mulher das estruturas produtivas destinadas a elas com base na agroecologia e a construção da Rede Mulher como referência de apoio nos Territórios Rurais.

Outra ação importante desenvolvida pela Rede e apoiada pela ATC é o acompanhamento às mulheres e a defesa dos seus direitos, por meio de reuniões da Rede no município e nas comunidades, com objetivo de ouvir os problemas das mulheres e tentar resolver coletivamente, e quando necessário, denunciar a violência contra a mulher na delegacia do município. Por conta de vários diálogos e intervenções, atualmente, há bom atendimento pelo delegado da cidade e pelos agentes de polícia. Outras ações que a Rede acompanha são: direcionamento das mulheres que sofreram violência ao exame de corpo de delito, medidas protetivas, acolhimento de mulheres dentro da casa de outras mulheres da Rede, encaminhamento de mulheres a psicólogo do CREAS. Mesmo com apoio, as mulheres da Rede ficam muitas vezes expostas e sofrem ameaçadas pelos maridos e a sociedade, principalmente por não ter o local para acolhimento na cidade e a falta de acompanhamento do poder público. Mas, as intervenções conseguem proporcionar a algumas mulheres vitórias, como se desfiliar de ambientes de agressão, estabelecer uma renda e a continuidade na participação como voluntárias na Rede Mulher.

A feira agroecológica e o conseqüente acesso aos mercados é outra ação conjunta que vem dando resultado. Talvez seja essa a principal conquista da parceria entre a Rede e a ATC. Tudo se inicia quando as componentes da Rede Mulher, associações comunitárias e agricultoras, em conjunto a ATC, perceberam em 2019 a necessidade de criar espaço de comercialização no município, que possibilitasse melhorar a renda das mulheres, autonomia e segurança alimentar nas propriedades. Com este objetivo, a Rede Mulher atuou como catalizadora do processo e uniu organizações locais, como associações, secretaria de agricultura, Movimento dos/as Trabalhadores/as Sem Terra (MST), IRPAA, Pró-Semiárido/CAR, igreja católica e movimento de Fundo de Pasto, criando um espaço permanente no município.

Mas ainda, é necessário avançar em várias frentes, a exemplo de espaço organizado com banheiros e cozinhas e ponto para guardar materiais, transporte para escoamento da produção, ATC permanente e consolidação dos grupos de certificação orgânica participativa, tornando a feira orgânica certificada.



Feira Agroecológica de Sento Sé. Foto: arquivo feira

ANÁLISANDO AS RELAÇÕES E INTERAÇÕES DA REDE COM A ATC

A experiência nos permite analisar a ação da ATC num projeto de desenvolvimento rural, a partir da interação dialógica com a Rede Mulher, experiência inspiradora que pode ser compreendida e analisada por meio de parâmetros sociais, econômicos ou/e ambientais.

No que tange ao aspecto social, pode-se explorar as oficinas e formações, a exemplo das oficinas de gênero, por meio do encontro de mulheres que inicia com o planejamento conjunto entre a Rede Mulher e a equipe de ATC, programando datas, levantando a realidade local de cada TR e orientando a equipe na abordagem para o convite. Os encontros foram conduzidos por membros da Rede Mulher, assim como o conteúdo trabalhado e abordado em cada atividade, elas tiveram total liberdade e pode-se atribuir a isto o fato de parte das mulheres que participaram das oficinas passarem a fazer parte da Rede.

Casos de violência foram revelados nos debates das oficinas, levando a ação de intervenção em conjunto com a Ronda Maria da Penha e início de todo processo de acolhimento. Outro fator importante para a participação das mulheres nos encontros foi a inclusão das ciran-deiras, que tem permitido maior participação das mulheres nas capacitações, pois, sabendo que os seus filhos estão ao lado realizando atividades pedagógicas, elas ficam despreocupas e contentes em saber que os seus pequenos também estão adquirindo conhecimentos.

Por conta do preconceito de algumas comunidades ao tema, houve dificuldade nos primeiros encontros para conseguir uma maior participação das mulheres, isso porque muitas comunidades não apresentavam nenhum espaço de diálogo para que as mulheres tratassem de temas delicados e se organizassem para superar. Por isso, a importância de levar o debate de gênero em todas as suas esferas às comunidades rurais, seja sobre violência doméstica, trabalho doméstico ou mesmo sobre renda, gestão da propriedade e segurança alimentar, maior participação das mulheres nas associações, cargos diretivos e no protagonismo das propriedades, tornando o trabalho da ATC importante para quebrar barreiras.

Dados recentes publicados no caderno Pró-Semiárido com o tema LUME “Luzes do Sertão” mostraram que os resultados da ATC, conseguiu melhorar diversos parâmetros (políticas públicas, apropriação da riqueza, participação nos diversos espaços e nas decisões de gestão) mais a relação do trabalho doméstico continua sendo grande tabu, precisa ser trabalhado e enfrentado pela ATC. (PETERSEN, 2022).



Membros da Rede Mulher Sertão do São Francisco participando do II Encontro das Guardiãs da agrobiodiversidade. Foto: Mari Santos.

O ENCONTRO DE HOMENS E A QUEBRA DO PRECONCEITO

O encontro de homens, pode se caracterizar como momento só com homens, para tratar de questões de gênero e do cuidado com eles e as famílias, atividade que contou também com a participação dos técnicos da equipe, permitindo a reflexão deles no espaço doméstico e no trabalho, assim facilitando o comportamento e abordagem no âmbito familiar e no dia a dia de trabalho com as agricultoras. Mais ainda há uma necessidade de formações contínuas com homens para quebrar gradativamente preconceitos com si próprio e tratamento com as mulheres das famílias e da comunidade. A atividade contou com o envolvimento constante de toda equipe de ATC, formada majoritariamente por homens, em dias de estudo sobre as temáticas.

Por ser uma capacitação nova, muitos homens não participaram, por preconceito sobre a temática, assim diminuindo muito a abrangência e os resultados. Mesmo assim, a participação foi intensa e foi percebido que o encontro desperta questões de comportamento dos homens, que eles escondiam ou não percebiam. As famílias em que os homens e as mulheres participaram dos encontros, tem alcançado uma melhor relação de convivência e de gênero. Porém ainda há um abismo de consciência dos homens agricultores e técnicos sobre cuidado consigo mesmo e o comportamento machista com as mulheres. Felizmente após os encontros, observou-se que alguns homens começaram a melhorar o diálogo em casa e a falar de temas antes que eram tabus, por exemplo, a saúde deles e o tratamento deles para com as mulheres.

“O machismo é muito constatado na região, é visto nas famílias não só pelo pai, como também pelos meninos. Ambos se acham no direito de ter todo privilégio como: comida pronta, cama e casa arrumada e só eles têm o direito ao lazer e a diversão em qualquer situação e as mulheres, incluindo as filhas, são vistas pelos homens como seres a ser exploradas e sem os mesmos direitos. Machismo, preconceito e práticas de domínio do homem sobre a mulher, foram exatamente esses assuntos que tomaram conta dos debates durante toda a formação”

Magno Luiz de Almeida, agricultor.

A Rede Mulher se caracteriza por atuar de forma contínua em diversas frentes, a exemplo, de reuniões mistas para melhorar o relacionamento com os maridos, e o trabalho para a melhoria da renda das mulheres, à exemplo da adoção das Cadernetas Agroecológicas como ferramenta de monitoramento da produção e renda e reconhecimento do trabalho feminino dentro do agroecossistema familiar. Mas é percebido que ainda há desafios, a exemplo de não ter um capital de giro para fazer os trabalhos com maior presença, formalizar a rede por meio de CNPJ para ajudar nos processos formais e ter uma sede de acolhimento, a fim de receber as mulheres em vulnerabilidade e ser espaço de encontro e diálogo. Assim, a Caderneta Agroecológica pode ser visto no trabalho da ATC, como o florescer das questões de gênero nas equipes, visto na publicação de 2021 Cadernetas Agroecológicas “A Revolução das Guardiãs da Agrobiodiversidade”. (BAHIA, 2021).

A Rede desempenha diversos processos organizativos, continuamente no município de Sento Sé com as mulheres membros, sejam rodas de conversas temáticas, abordando temas diversos que julguem importantes para diálogo de gênero na sociedade, exemplo das questões de violência contra mulher, seja nos espaços domésticos ou públicos, como também temas de base econômica, a exemplo da Economia Solidária, com a participação em diversas feiras no município e no território de identidade.

Neste sentido, a feira agroecológica, surge como principal articulação da Rede, visando a economia solidária e deriva da Feira da Mulher que era realizada anualmente em Sento Sé, mas também da boa relação com o poder público municipal e de diversas organizações do município e do Território. O processo de organização da feira agroecológica teve início quando membros da Rede passaram a participar de forma contínua das reuniões com a equipe de ATC.

Hoje a feira que acontece semanalmente, às sextas-feiras, é coordenada por membros da Rede Mulher sendo elas 80% das feirantes incluindo a coordenação geral e 100% da coordenação do Fundo Rotativo Solidário da Feira. É importante salientar que há uma barraca dos produtos das mulheres da Rede na feira. Deste modo, a junção entre a percepção da equipe de ATC e a expertise que a Rede tinha de gestão, associada à capilaridade da ATC de chegar as agricultoras, tornou o processo harmonioso, com as mulheres como protagonistas.

A coordenação feita pela Rede conseguiu agregar vários segmentos da sociedade e dialogar com o cuidado das feirantes com os clientes. E esta referência de gestão construída, vêm inspirando outras mulheres e outros grupos de agricultores, tornando a feira este espaço de encontro e de afirmação das pautas de gênero e feministas no município.

Assim a feira agroecológica, proporcionou espaço de harmonia e acolhimento da diversidade de pessoas, reciprocidade das entidades e parceiros externos, que passaram a apoiar integralmente as/os feirantes, influenciou a população do município a comprar produtos orgânicos, além do protagonismo das mulheres como lideranças nas comunidades e no município, já que 80% dos feirantes são mulheres, conseqüentemente aumento da segurança alimentar das famílias e da produção, permitindo potencializar a economia local movimentando em 2021 cerca de 250 mil reais. Ainda não há a adesão total da sociedade do município à feira. Tendo como dificuldade a sazonalidade da produção e a distância das comunidades e espaço ainda não ideal.

Mas há outro parâmetro que a Rede vem trabalhando e ajudando a organizar os diversos grupos, em conjunto com equipe de ATC e associações, acessando políticas públicas através do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e PNAE no município, e dialogando com redes de comercialização (Central da Caatinga e CESOL), dinamizando a renda das mulheres que passaram a produzir e comercializar nos diversos mercados, aumentando as rendas e a segurança alimentar, e fortalecendo o empoderamento. Este resultado foi visto nas Cadernetas Agroecológicas, e no diálogo constante entre a rede e a equipe de ATC proporciona melhor forma de trabalho da equipe a campo com as mulheres, assim “a Caderneta pode ser vista como instrumento metodológico inclusivo, reparador e produtivo”.

Vale salientar, algumas das iniciativas que são assertivas para que a atuação conjunta da Rede Mulher com a equipe de técnicos seja tão próspera:

1. A importância de inserção das mulheres em mercados como a feira, gera renda e autonomia econômica, evidenciando a capacidade das mulheres em gerenciar melhor o dinheiro e as despesas;
2. Participação de membros da Rede nas reuniões periódicas da equipe de ATC (homens) contribuindo para lançar um olhar de gênero com as intervenções apropriadas. Tendo planejamento coletivo no acesso a políticas públicas do município e do Estado como PNAE, PAA, editais e financiamentos;
3. Articulações em conjunto para defesa e debates, luta social e ambientais (mineradoras, eólicas, fundo de pasto), na qual, com diálogo junto as instituições do município e do estado para projetos e políticas públicas;

4. A interação e abertura de estruturas organizadas de predominância de homens e mulheres, podem interagir para promover sustentabilidade das comunidades rurais, alcançando objetivos em comum;

5. A Rede Mulher pode influenciar e melhorar o trabalho da equipe técnica de homens, a partir da abordagem de gênero;

6. A Intervenção da Rede junto à ATC, por meio do planejamento e formação da equipe, com políticas públicas direcionada as mulheres e na forma de acompanhamento técnico as famílias.

Todos os espaços que a equipe de técnicos do Pró-Semiárido na parceria com o Irpaa concedeu para a Rede colocar as pautas, passaram a ser o elo de diálogo constante que ajudou a melhorar a postura da equipe e a tornar mais horizontal a relação com a Rede passando a haver construção de planejamento de gênero no trabalho da equipe, nas oficinas e na construção de pautas da feira, além de uma relação pessoal e de amizade entre a equipe técnica e as mulheres da Rede.

No entanto, avalia-se que ainda é importante um olhar mais atento da equipe, na ação em campo, para as relações de gênero nos espaços produtivos, como também, há a necessidade de formação específica de profissionais do sexo masculino que compõem equipes de Assessoramento Técnico Continuado (ATC).

No geral, é perceptível o quanto a interação da Rede de Mulheres com equipe de profissionais homens, pode influenciar na consciência coletiva sobre relação de gênero, para a equipe, agricultores/agricultoras e familiares.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A experiência demonstra que o trabalho coletivo entre a ATC, seja ela majoritariamente composta de homens ou não, em conjunto com movimentos de mulheres, neste caso específico a “Rede Mulher de Sento Sé”, possibilitou excelentes resultados e influenciou diretamente no comportamento coletivo dos agricultores e das agricultoras, assim como nas famílias dos técnicos e em toda equipe de ATC e das mulheres da Rede.

Portanto, a interação da Rede e da equipe nos diversos espaços formativos, organizativos, comercialização, articulação, ou seja, o convívio, influenciou os técnicos positivamente para questões de gênero e conseqüentemente outros homens, seja eles agricultores, familiares, e até mesmo, homens das famílias das integrantes da Rede.

A movimentação criada principalmente por meio dos encontros de mulheres e de homens, levou ao despertar do debate de gênero nas comunidades rurais, seja eles alertando aos homens de questões de cuidado com si próprio ou de respeito as mulheres e aos seus espaços, assim como ampliou o número de mulheres ligadas à Rede, formando pequenos núcleos em cada comunidade, além de levantar problemáticas escondidas como a violência doméstica e o excesso do trabalho realizado pelas mulheres, fato que a equipe de ATC vêm reforçando no trabalho em campo e mantendo o apoio com a coordenação da Rede.

Mas, sobretudo, a parceria conseguiu consolidar autonomia e abrir espaços para as mulheres, seja no papel de lideranças locais, autonomia das suas propriedades, acesso a políticas públicas ou mesmo melhoria da renda e da segurança alimentar por meio de novos espaços de comercialização, exemplo da feira agroecológica, e pela proposição de políticas públicas que possam contribuir nas organizações e renda das mulheres, assim como a equipe de ATC ajudou a ampliar o espaço de intervenção da Rede Mulher.

A Feira agroecológica do município de Sento Sé, pode ser vista hoje como espaço de conquista das mulheres, pois é neste local que elas demonstram todo seu potencial de gestão, articulação política e institucional, geração de renda e de promoção da autoestima das mulheres participantes.

Por fim, a experiência vista em Sento Sé, pode ser referência para outros projetos de Assessoria técnica (ATER) e políticas públicas do campo, demonstrando como abertura e interação podem gerar resultados importantes para o trabalho de gênero e empoderamento feminino.





Ações de gênero e a Rede Semiárido Forte

Aline Queiroz¹¹ e Rejane Magalhães³

**“Esta terra dá de tudo
que se possa imaginar.
Sapoti, jaboticaba
mangaba, maracujá
cajá, manga, murici,
cana caiana, juá
graviola, umbu, pitomba,
araticum, araçá”**

Frutos da terra – Luiz Gonzaga

A consolidação dos 26 grupos produtivos de mulheres atuantes nos Territórios de Identidade Piemonte da Diamantina e Bacia do Jacuípe, sob a coordenação do escritório regional do Pró-Semiárido no município de Jacobina, atesta de forma contundente os resultados positivos alcançados pelo projeto à luz das Metodologias Sociais e de Gênero, trabalhadas em campo de forma transversal, e que foram capazes de promover um despertar das forças e capacidades das agricultoras e jovens participantes dessa ação.

³Aline Queiroz é jornalista, gestora de projetos e trabalha na assessoria de comunicação do Pró-Semiárido. ¹¹Rejane Magalhães é engenheira agrônoma, mestra em Ciências Agrárias e chefe do escritório local do Pró-Semiárido em Jacobina.

Foi esse despertar, o ponto de partida para a organização desses coletivos e a construção de um espaço calcado na busca pela autonomia financeira e exercício da liberdade por meio do trabalho coletivo, a partir do potencial identificado e ressaltado nas mulheres e jovens que os compõe. Nesse compasso, elas/es não só mostraram capacidade organizativa, como também produtiva e de representatividade. A consolidação dos grupos se deu em último momento no âmbito do Componente Produtivo, mas teve como combustível as ações promovidas pela Assessoria de Gênero, Raça e Etnia do Pró-Semiárido, a partir do Componente Humano e Social do projeto. Combustível este capaz de despertar não somente a crença, mas a força para vislumbrar e construir o novo, um novo futuro sonhado e erguido com competência e desenvoltura.

“Somos um grupo de mulheres trabalhadoras, que foi buscar o seu sonho através da Delícias da Tapioca. Mulheres fortes que lutam pelos seus objetivos e consegue o que quer. Aí o Pró-Semiárido trouxe pra nós uma estrutura, estímulo, vida. Tinha mulher no grupo que estava deprimida e através do grupo criou vida, resistência, desejo de viver e de trabalhar pra vencer!”

**Lúcia de Jesus, Grupo Delícias da Tapioca,
comunidade Planalto - Jacobina - BA.**

A princípio, a criação dos grupos destinados ao processamento de alimentos, da forma com a qual foram concretizados, não estava prevista no escopo inicial do projeto. A maioria das mulheres participantes compunha os Grupos de Interesse voltados para os Quintais Agroecológicos, Sistemas Produtivos da Mandiocultura, Fruticultura, Avicultura e/ou Ovinocaprino-cultura. As ações pensadas para atender às demandas sinalizadas por estes grupos passavam, prioritariamente, pela necessidade de Assessoramento Técnico Continuado (ATC) e a aquisição de estruturas e tecnologias voltadas para otimização da produção, com base agroecológica e foco na convivência com o Semiárido, e se encerravam aí.

Contudo, com o desenrolar das ações do projeto, a equipe técnica do Pró-Semiárido percebeu que podia ir além. Havia campo, vontade e capacidades para desenvolver um trabalho, ainda que não totalmente inovador, capaz de impactar de forma singular a vida das mulheres e famílias envolvidas no processo. Nasce, então, novos grupos, estes agora mobilizados para trabalhar com o processamento de alimentos oriundos dos quintais agroecológicos, do cultivo da mandiocultura e fruticultura, e transformados em produtos da Agricultura Familiar, a serem comercializados em feiras livres, supermercados, através da internet e em mercados institu-

cionais. Mais do que isso, nasce um movimento de mulheres e jovens com representatividade territorial, que congrega pautas emancipatórias e representa conceitualmente, e na prática, os principais objetivos do Pró-Semiárido enquanto política pública de desenvolvimento rural.

“A gente entendeu que, além de produzir o alimento para o nosso consumo, dava para vender o excedente da produção, comercializar os produtos e aumentar nossa renda”.

**Elizone Carneiro, Grupo Delícias do Campo,
comunidade Nova Esperança – Várzea Nova - BA.**

METODOLOGIA - FORMAÇÃO DOS GRUPOS

Uma, duas, três, quatro, muitas reuniões, encontros e rodas de conversa! “O que vocês querem mulheres? O que vocês precisam para se desenvolver?” “Aonde querem chegar?” O projeto Pró-Semiárido primeiro procura saber. Não chega na comunidade com receita pronta, para ensinar a quem já sabe “o caminho que vai dar no Ribeirão”. Foram as mulheres e jovens das comunidades que deram “régua e compasso” à equipe do escritório do projeto em Jacobina, para que fosse possível formar os grupos que iriam transformar o fruto dos quintais, poma-res e roçados em produtos de prateleira, embalados, rotulados, certificados e, principalmente, produzidos de forma agroecológica, com a marca e a essência da Agricultura Familiar e das mulheres camponesas do Semiárido.

Os coletivos foram formados com uma média de 10 a 15 componentes e após essa etapa inicial, foi dado início ao processo formativo, com a realização de oficinas para o processamento dos alimentos e aprendizados das receitas, a serem feitas com aquilo que elas já conheciam bem: as delícias cultivadas nos seus quintais e roçados! Frutas, hortaliças, raízes, ovos, leite, frango, tudo fresquinho e, como elas mesmo gostam de dizer, SEM VENENO!

“O grupo Sabores da Caatinga está utilizando as frutas nativas para produzir, o que tem ajudado a melhorar a renda das pessoas, fortalecido as famílias e as perspectiva de permanência no campo”.

**Izabel Silva, jovem Agente Comunitária Rural e membro do
Grupo Sabores da Caatinga, comunidade Tigre - Caém - BA**

Houve grupo que focou no processamento de frutas, outros que investiram nos derivados da mandioca, do licuri; grupos que elegeram os temperos, feitos com as hortaliças e especiarias dos seus quintais, como carro-chefe; mulheres que se dedicaram à fabricação de pães, feitos à base de batata-doce e aipim, e ainda àquelas que elaboraram um cardápio misto, com produtos feitos com matérias-primas variadas.

A maioria dos grupos iniciou as atividades em cozinhas improvisadas, normalmente instaladas em estruturas cedidas pela associação, em escola, igrejas e até nas casas das próprias agricultoras. O projeto investiu na aquisição dos equipamentos básicos necessários, fardamentos e passou a acompanhar o desenvolvimento das mulheres e jovens. Assim como se faz com uma receita nova, era preciso testar, experimentar, saber se ia “dar liga” antes de fazer aportes financeiros e estruturais maiores. Era preciso observar o interesse e a desenvoltura delas/es. Será que era isso mesmo que elas/es queriam? O que significava para elas/es, a associação, comunidade e para o projeto essa atuação das agricultoras e jovens para além do arredor da casa?

DESAFIOS E APRENDIZADOS

Acostumadas com as inúmeras tarefas desempenhadas em casa, na roça, na igreja e/ou associação, as mulheres agora precisavam se articular para o trabalho em grupo e se apropriar de temas como: gestão de estoque e da produção, fluxo de caixa, comercialização, comunicação e marketing, controle de qualidade, dentre outros assuntos necessários à administração de uma organização econômica solidária e de uma pequena agroindústria para processamento de alimentos. Foi necessário trocar conhecimento e desenvolver essas competências.

De forma multidisciplinar, estes temas foram colocados na roda e os grupos mergulharam nos estudos, com apoio da equipe técnica do projeto. Conforme as discussões avançaram, os desafios comuns foram identificados e dois gargalos em especial precisavam ser resolvidos: ampliar a visão do grupo produtivo sobre a gestão de um negócio solidário e, mais especificamente, os entraves para comercialização dos produtos. Não adiantava produzir com qualidade, escoar a produção se o retorno financeiro não assegurasse a sustentabilidade do empreendimento e a satisfação do grupo.

Foi aí que as mulheres e jovens mostraram total desenvoltura, inovaram e caminharam a passos largos para criar canais de vendas e, com as ferramentas que possuíam, a fazer a gestão do estoque, controlar o fluxo de caixa; saíram de suas comunidades para ir à feira semanalmente, identificaram pontos de entrega nas sedes dos municípios, acessaram editais para o fornecimento ao Programa Nacional da Alimentação Escolar (PNAE).

Foi nesse momento, mesmo em meio à pandemia do COVID-19, que em alguns grupos muitos/as jovens agregaram suas capacidades e potencialidades ao processo, em uma troca intergeracional leve e importante. Se faltava interesse em “colocar a mão na massa” no preparo das receitas, sobrava talento e disposição para liderar algumas frentes, como a parte comercial e de marketing, inclusive nas vendas pela internet, no controle da qualidade, nas compras dos insumos e na gestão do caixa.

Aos poucos, as cozinhas foram se tornando espaços não apenas para a conquista do incremento da renda, mas, também, de fortalecimento das relações comunitárias e de intercâmbio de conhecimento. E mais, junto com isso, com o incremento da renda, o desenvolvimento das habilidades e a troca de conhecimento, a vivência nos grupos se tornou terapêutica para muitas mulheres e jovens. O momento do preparo das receitas era também hora de dar risada, cantar louvores, da reza, dos desabafos, da contação de causos.

“Eu tenho problema sério do coração e na última consulta com o cardiologista ele disse: ‘Carminha continue participando do grupo, essa atividade tem lhe ajudado bastante e faz parte do seu tratamento’”.

Grupo Delícias da Tapioca, Assentamento Alagoinha – Jacobina – BA

“A atividade do grupo mudou a nossa vida, a nossa autoestima. Antes ficava cada uma em sua casa isolada. Então, pra mim, não foi nem tanto o financeiro, foi esse aconchego que nós temos no grupo. Aqui a gente se diverte, a gente passa um dia legal, coloca o papo em dia, por isso está sendo muito gratificante”.

Eliene dos Santos, Grupo Sabores do Semiárido – Várzea Nova – BA

Ao mesmo tempo em que os grupos iam se fortalecendo, conquistando sua identidade e autonomia, os desafios para a gestão coletiva e organização administrativa-financeira se apresentaram. Não havia instrumento para nortear as etapas da produção, as relações, a tomada de decisões. Os grupos estavam formados, as receitas testadas e aprovadas, a clientela identificada e isso tudo exigia organização, regimentos que assegurassem sustentabilidade, preservassem os relacionamentos e mostrassem um caminho para que as mulheres e jovens seguissem crescendo e ampliando suas vendas e representatividade.

Novamente, a equipe do Pró-Semiárido trabalhou de forma multidisciplinar para auxiliar os grupos na construção do Regimento Interno, instrumento que passou a nortear as ações dos grupos a partir de cada realidade. Antes, oficinas para trabalhar temas como as Relações Interpessoais, Comunicação Organizacional, Associativismo e Gestão de Organizações Econômicas Solidárias foram realizadas para dar subsídio à criação destas regras e procedimentos, de forma conjunta e participativa, com a escuta dos problemas e conflitos existentes.

A verdade é que no sertão, basta uma gota de chuva para a caatinga florescer. Os grupos já estavam conhecidos na comunidade, as mulheres dos biscoitos, das geleias e dos temperos já tinham lugar cativo na feira, o cliente já ficava esperando a montagem da barraca para comprar seu pão, o bolo, a cocada. A prefeitura queria saber o que estava acontecendo. No grupo do whatsapp do Território de Identidade já se falava da qualificação dos rótulos dos produtos, sobre certificação e que as mulheres precisam de mais apoio para participar das feiras estaduais da Agricultura Familiar. Os bancos já queriam liberar crédito e quem não acreditou viu a banda, feminina e jovem, passar!

Os grupos já não cabiam mais nas cozinhas improvisadas, as mulheres queriam espaço físico adequado, mais estrutura, pois representatividade já tinham e de sobra. Numa costura com linha dupla, pespontada e firme, o movimento das mulheres se consolidou. Não mais como uma ação local, comunitária, mas territorial, com o olhar e apoio do Estado, que aportou mais de 2 milhões em investimentos destinado a capacitações, compra de equipamentos, fardamentos, barracas



Membros da Coomafs.
Foto: Manuela Cavadas

e, por fim, para a construção de pequenas agroindústrias comunitárias. Novos sonhos nasceram, as mulheres e jovens queriam mais e conseguiram!

CONSOLIDAÇÃO DA REDE SEMIÁRIDO FORTE E DA COOMAFS

Os desafios eram os mesmos em Miguel Calmon, Umburanas, Várzea Nova. A vontade de conquistar os objetivos também. Então, por que não juntar essas mulheres e jovens em uma rede?! Não uma rede apenas para discussão das pautas comuns, mas para funcionar como solucionadora de problemas e captadora de oportunidades. O primeiro chamado para formação dessa rede veio com a realização do 1º Encontro das Organizações Econômicas e Solidárias dos Territórios Piemonte da Diamantina e Bacia do Jacuípe, realizado em outubro de 2021.

O evento reuniu as mulheres e jovens dos grupos produtivos, prefeituras, secretarias, entidades de Assessoramento Técnico Continuado e da sociedade civil, universidades, representantes do Governo e bancos públicos. A sementinha foi plantada e quatro meses depois nascia a Rede Semiárido Forte. Uma rede genuinamente da Agricultura Familiar e essencialmente feminina, com o slogan: *“Uma Rede com a força das mulheres e da Agricultura Familiar, para mudar a vida das pessoas do campo e da cidade”*.

“A ideia é que a Rede funcione como solucionadora de problemas, atue na abertura de mercados e dê suporte aos grupos, ampliando a comercialização e a qualidade dos produtos. A Rede irá aumentar, também, a representatividade desses coletivos, para a economia da região e a valorização da agricultura familiar”.

Marcos Andrade, técnico em agroindústria do Pró-Semiárido.

O sonho agora não era apenas do grupo Mulheres do Semiárido ou do Delícias da Tapioca, mas de mais de 200 agricultoras e jovens agricultores/as. Irmanadas e ávidas por conquistar mercados e ainda mais independência mais um passo foi dado, pois era preciso criar estrutura para comercializar os produtos e atender às exigências legais e burocráticas dos mercados convencionais e institucionais. Era preciso ter um CNPJ para que a representatividade da Rede não ficasse apenas no discurso, mas que se consolidasse com a geração de renda e autonomia financeira.

As mulheres então decidiram criar a Cooperativa Agropecuária de Produção da Rede de Mulheres e Jovens Produtores de Derivados da Agricultura Familiar do Semiárido (COOMAFS), para alavancar as vendas, abrir mercado, vender em toda Bahia, conquistar o mundo!

“A criação da Rede e da cooperativa vai facilitar a nossa participação em editais e chamadas públicas, o que vai mostrar a nossa capacidade e a nossa força. Vamos conseguir chegar em lugares, por exemplo, que a nossa associação não consegue chegar. Com a Rede e a cooperativa, a gente não pensa hoje somente no Delícias dos Quintais, mas na coletividade. Vamos caminhar juntos e crescer juntos. Nós vamos ganhar o mundo com nossos produtos.”

Aline Silva – Grupo Delícias dos Quintais, Assentamento Lagoa de Dentro – Ourolândia – BA, e presidente da COOMAFS.

“São dois mil, 10 mil, 20 mil biscoitos?! Nós estamos preparadas para te atender! Somos uma cooperativa que nasce de uma rede de mulheres fortes e vencedoras. Nós iremos conquistar ainda mais espaço com nossas delícias”.

Lucia de Jesus – Grupo Delícias da Tapioca, Assentamento Alagoinha, Jacobina – BA, e conselheira fiscal da COOMAFS



Foto:Fábio Arruda



Foto:Fábio Arruda

FUTURO

Deixe a luz do sol brilhar no céu do seu olhar
Fé na vida, fé no homem, fé no que virá
Nós podemos tudo, nós podemos mais
Vamos lá fazer o que será

Gonzaquinha

O futuro das mulheres e dos jovens da Rede Semiárido Forte é o agora! É toda capacidade, força e desenvoltura demonstradas na trajetória inspiradora trilhada até aqui. Está na mensagem que elas deixam para quem pensa e executa as políticas públicas destinadas ao meio rural, uma mensagem que diz: se tenho terra, água e o saber, planto o milho e te entrego a canjica. Colho dignidade, liberdade, bem viver!

O futuro da Rede Semiárido Forte está em uma revolução que é feminina e potente, que passa pela atenção a ser dada às temáticas de gênero e ao cenário que se quer construir quando se pensa em convivência com o Semiárido, agroecologia e na mulher rural. Ultrapassa as questões do acesso à água, da relação com a caatinga, de uma ATC que precisa enxergar a mulher e toda a complexidade da sua existência dentro de casa, no quintal, no roçado, na associação, na política, na maternidade e, sobretudo, para além dessas estruturas.

A Rede Semiárido Forte é o agora e o amanhã das políticas públicas para o campo, em que o assistencialismo é substituído pelo fazer junto, pelo reconhecimento de capacidades, pelo estímulo ao desenvolvimento a partir do saber local, pelo respeito à liberdade, pelo olhar que enxerga a mulher nos seus diversos papéis e permite que ela escolha o seu lugar. Pela juventude que decide ficar na roça, pela mulher que, com 20, 30, 60, 70 anos, descobre do que é capaz sozinha e, se irmanada com suas companheiras, constrói a revolução, constrói uma rede forte, uma rede de vida e de esperança.

COMUNICAÇÃO E GÊNERO: UMA UNIÃO IMPORTANTE PARA A PROJEÇÃO DE VOZES FEMININAS DO CAMPO

Elka Macêdo⁴ e Aline Queiroz⁵

Historicamente são as mulheres as maiores responsáveis pela promoção da segurança alimentar e nutricional das famílias. São elas, que década após década vêm protagonizando a guarda e multiplicação das sementes, das ervas medicinais e plantas ornamentais. O trabalho que por muitos anos foi invisibilizado tem ganhado espaço e vem sendo reconhecido como essencial para a manutenção e promoção da vida e da sociobiodiversidade, bem como para a geração de renda no campo.

De acordo com dados apurados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na publicação “Estatísticas de Gênero: Uma análise dos resultados do Censo Demográfico 2010”, a participação das mulheres na renda familiar do campo gira em torno 42,4% e é maior do que a das mulheres que vivem na cidade (40,7%). Na região Nordeste, a colaboração monetária das mulheres rurais é maior e chega a 51%.

Neste sentido, olhar para este lugar de protagonismo das camponesas e compreender a importância de projetar as suas vozes é essencial para fazer uma comunicação que seja inclusiva e que aponte luzes para a construção de uma sociedade que enxergue e reconheça a mulher como ser ativo e não como coadjuvante nos processos produtivos e de geração de renda.

Barcellos e Rodrigues (2020, p.03) defendem, desta forma, que:

[...] para uma efetiva cidadania de gênero é necessário que os meios de comunicação assumam sua importância na luta contra as desigualdades de gênero, a partir de um discurso que, ao invés de transformar as diferenças em desigualdades, elenque essas diferenças como forma de convívio pacífico em sociedade, como propõe o feminismo.

⁴ Jornalista em multimeios, especialista em agroecologia e jornalismo digital atua na assessoria de comunicação do Pró-Semiárido

⁵ Jornalista, gestora de projetos, trabalha na assessoria de comunicação do Pró-Semiárido.

É preciso, por tudo isso, fazer uma comunicação que se proponha a cumprir o papel social de utilizar as ferramentas e mídias para construir junto com técnicos e famílias agricultoras, uma comunicação que agregue, visibilize e contribua, em especial, com o empoderamento e autoestima das mulheres. Para tanto, no âmbito do projeto Pró-Semiárido um conjunto de ações de comunicação com o enfoque de gênero vêm sendo pensadas, executadas e/ou fortalecidas para contribuir com a construção da equidade de gênero no campo.

COMO DISSEMINAMOS AS VOZES FEMININAS?

Nas 782 comunidades rurais atendidas pelo Pró-Semiárido, mais de 50% do público beneficiário é formado por mulheres. São 38.509 agricultoras e jovens agricultoras que vêm fortalecendo as ações propostas pelo projeto para avançar na erradicação da pobreza e assegurar vida digna no campo. Elas estão nos diversos grupos de interesse e fomentam atividades econômicas e sociais como extrativismo e beneficiamento de frutas nativas da caatinga, o cultivo e a comercialização de hortaliças, legumes e frutas medicinais, criação de animais de pequeno porte como aves, caprinos, ovinos e porcos e o artesanato.

Em alguns casos sozinhas, em outros juntamente com suas famílias e/ou companheiros, estas camponesas têm mostrado as múltiplas possibilidades que o semiárido baiano oferta, mesmo com as intempéries climáticas, e têm contribuído para evidenciar este lugar rico, farto e próspero. Esta realidade, sem dúvida, precisa ser comunicada e visibilizada para além dos terreiros, quintais, comunidades e associações. Com esse objetivo, foi que o núcleo de Comunicação do projeto trabalhou para projetar essas vozes que já ecoam localmente, para que os aprendizados possam inspirar outras realidades em outros cantos do semiárido e do mundo.

Todo saber é valioso, e, portanto, o exercício da escuta nesse processo é imprescindível. A conversa no intervalo da reunião da associação, no quintal, na cozinha. Por mais que muitas mulheres permaneçam caladas nos ambientes mistos, elas têm muito a dizer e, sobretudo muito a ensinar. Sempre tem um chá ou lambedor para curar qualquer moléstia; uma receita caseira de família que aprendeu com a mãe ou com a avó; uma semente crioula “da paixão” e uma boa história de como aprendeu tudo o que sabe ou de como a vida melhorou “de uns tempos pra cá”.

E é essa comunicação, feita de um jeito simples, mas com muito cuidado e dedicação, que promove as grandes transformações. Debaixo de uma árvore dos sítios e assentamentos, no momento da plantação e da colheita, na porta da igreja, nas reuniões das associações, na feira, nas rádios comunitárias, nos intercâmbios, em todos os espaços, a comunicação acontece. Ali, os diferentes saberes são valorizados e, juntando vários deles, os conhecimentos são ampliados. Nada vem pronto e embalado só para consumo, como acontece com a comunicação que é feita pela grande mídia (televisões, jornais, revistas, rádios comerciais). (Articulação Semiárido Brasileiro, pág. 14, 2018).

São muitos os conhecimentos expostos nas falas empoderadas e também escondidos na timidez de muitas camponesas, mas que o projeto se propôs a visibilizar na experiência da Caderneta Agroecológica; nas cantigas e brincadeiras da Ciranda das Crianças; na reflexão sobre a divisão (in) justa do trabalho doméstico; nos encontros de mulheres, encontros de homens e encontros mistos. As diferentes metodologias adotadas na transversalidade de gênero e sua consequente disseminação em materiais e espaços de mídia da comunicação são, sem dúvida, legados do Pró-Semiárido.

Registrar os sorrisos e a produção feita pelas mulheres agricultoras na fotografia; captar os depoimentos e reflexões sobre seu trabalho e as transformações vistas e vividas no quintal ou no espaço de liderança dentro da comunidade, cooperativa ou rede em vídeos e áudios; sistematizar a prática e os aprendizados que elas relatam e garantir seu espaço de fala em eventos têm sido algumas das formas encontradas para assegurar que a comunicação, por vezes institucionalizada, tenha um olhar sensível e justo para com as mulheres.

Foi este olhar atento e sensível da comunicação do Pró-Semiárido que ajudou a cunhar o termo “Guardiã da Agrobiodiversidade”, que gerou identidade para as mulheres que adotaram a caderneta agroecológica como ferramenta de empoderamento, autonomia e libertação e que foi tema do



Publicações do Pró-Semiárido.
Foto: Mari Santos



Foto: Manuela Cavadas

I Encontro realizado em dezembro de 2019, no município de Senhor do Bonfim. Agora, estas mulheres não se apresentavam apenas como agricultoras, mas como “Guardiãs da Agrobiodiversidade”, trazendo na fala toda potência e responsabilidade que elas assumem há gerações e que agora têm o reconhecimento que lhes é devido.

Isto foi ainda, inspiração para a série de podcasts com o mesmo nome, produzida a partir de 13 depoimentos de agricultoras participantes do projeto e que utilizam a Caderneta Agroecológica para gestão da sua produção. Uma peça de comunicação feita de forma horizontalizada, pelas mulheres, com elas, para elas e suas comunidades. Uma produção que alcançou e conquistou, também, outros públicos de forma pungente, com a divulgação das peças em ferramentas *on-lines* de *streaming* como o *Spotify*, a partir de uma linguagem simples, sem rótulos, para traduzir a vida e a força da mulher camponesa.

O mesmo olhar deu vida as personagens Maria e Zefinha para transformar em podcasts a prosa entre duas comadres, e assim poder falar de temas ligados ao universo das Sementes Crioulas, de forma simples e divertida. Como também, esse olhar, deu a liga para a parceria com a campanha pela Divisão Justa do Trabalho Doméstico e possibilitou a disseminação e apoio na produção de *zapunovelas* para tratar de assuntos como a



Série de áudios - Guardiãs da Agrobiodiversidade

((())) *Série Guardiãs da Agrobiodiversidade*

Quer saber qual o impacto das cadernetas agroecológicas na vida das mulheres camponesas?

Elas respondem!

Cordel de autoria de Maria Araújo
Comunidade Vila dos Pauzinhos
Campo Formoso (BA)

FIDA Investindo nas populações rurais

CAR

GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO RURAL

violência doméstica e a divisão das tarefas em casa, envolver as/os agricultoras/es e motivar reflexões significativas sobre a maneira de agir no ambiente familiar.

A essência do viver dessas mulheres, sobretudo a capacidade produtiva e a sua força de trabalho, também foram visibilizadas na publicação *Cadernetas Agroecológicas – A revolução silenciosa das Guardiãs da Agrobiodiversidade*, publicação que apresentou dados da pesquisa sobre o uso da Caderneta Agroecológica e explicitou a importância das agricultoras para assegurar a Segurança Alimentar e Nutricional das famílias e para a geração de renda e desenvolvimento da economia local e territorial.

Para defender a equidade de participação, a liberdade de escolha e o acesso às políticas públicas para as mulheres, como também a valorização e inclusão da infância nas pautas sobre desenvolvimento rural e territorial, a experiência da metodologia de gênero Ciranda das Crianças foi sistematizada em exposição virtual e na publicação *Ciranda das Crianças: experiência lúdico-metodológica no âmbito do Projeto Pró-Semiárido*.



ZapNovelas -
Força Rara

ZAPNOVELA | EPISÓDIO 1

"O MOVIMENTO DA VIRADA"

Escute aqui:
encurtador.com.br/abef7

REDE FEMINISMO E AGROECOLOGIA DO NORDESTE

ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA

GT Mulheres da ANA

ASA 20 ANOS

aba associação brasileira de agroecologia

CONTAG

PELA DIVISÃO JUSTA DO TRABALHO DOMÉSTICO

Esses são apenas alguns exemplos que traduzem bem a práxis de uma comunicação que busca ir além do seu potencial técnico-criativo para atuar de forma estratégica, transversal e vetor de transformação. Já que ao adotar uma comunicação feita pelo povo e para o povo, numa perspectiva popular, plural e democrática, é necessário valorizar os saberes e identidades e mostrar que todas e todos são promotores de informações; que todo conhecimento é valioso.

Assim, visibilizar os relatos das vivências e das experiências exitosas das agricultoras e dos agricultores em peças de áudio/podcasts, cards, cartilhas, boletins e vídeos tem sido uma importante estratégia para valorizar o trabalho destas pessoas e aumentar a autoestima e orgulho de ser e estar no semiárido.

COMUNICAR JÁ!

Ainda há grandes desafios para serem superados, sobretudo no entendimento de que a comunicação deve ser vista como direito humano, como é alimentação, saúde, água e moradia. É preciso comunicar para denunciar as injustiças; para cobrar políticas públicas efetivas para o campo; para as mulheres, para as juventudes. É preciso comunicar para anunciar as inovações e práticas que fazem do semiárido da Bahia este espaço rico e cheio de fartura.

Sabemos que a comunicação ainda é lugar de grande disputa, seja no espaço de voz dentro da associação, igreja ou grupo, no âmbito comunitário, ou mesmo na disputa por visibilidade dentro dos meios de comunicação de massa. Não há dúvidas de que comunicação é poder, e de que o lugar de fala em muitos espaços de influência de políticas, ainda é ocupado por homens, brancos e poderosos.

Então, optar pela práxis de uma comunicação popular é como semente lançada em solo fértil. À medida em que são abertos novos espaços para que as famílias agricultoras, em especial as mulheres, possam trocar saberes e expressar seus conhecimentos, esta semente germina e se torna árvore próspera e frutífera.

E assim, entendendo que o conhecimento ancestral aliado ao saber que se aprende no cotidiano é valioso, e que reconhecer isso gera autonomia, empodera e liberta, é que as mulheres avançam. E “quando uma mulher avança”, de fato, “nenhum um homem retrocede”.



Mística de encerramento do I Encontro das Guardiãs da Agrobiodiversidade. Foto: Manuela Cavadas

REFERÊNCIAS

ARTICULAÇÃO SEMIÁRIDO BRASILEIRO. **Comunicação popular no semiárido: um caminho para o fortalecimento da denúncia, da resistência e da luta por mais qualidade de vida.** Recife, 2018.

BARCELLOS, Luiza Buzzacaro e RODRIGUES, Raiana da Silva. **Gênero e comunicação: reflexões teóricas a partir da discussão sobre identidade e cidadania.** Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura, v.9, nº1, edição de Julho de 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estatísticas de Gênero: Uma análise dos resultados do Censo Demográfico 2010.** <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv88941.pdf>. Acesso em 12 de abril de 2022.



A feira, as parcerias e uma revolução!

Por Aline Queiroz

A feira da sede do município de Esperança nunca mais foi a mesma. As mulheres conseguiram uma clientela fiel e todos os sábados, bem cedinho, já tinha gente esperando as hortaliças, frutas, verduras, as geleias e os biscoitos do Grupo Mulheres das Águas, do Quilombo de Riacho. Sim, Quilombo de Riacho! Faltou dizer isso para você, nós conseguimos certificar a comunidade como território quilombola na Fundação Palmares. A equipe do Pró-Semiárido nos auxiliou em todo processo, o que facilitou as coisas. Aí você vai me perguntar: “Teve samba na casa de dona Judite para comemorar, Jorge”? Mas você já sabe a resposta!

Passaram-se seis anos desde a primeira assembleia em que a equipe do Pró-Semiárido perguntou a gente: “O que vocês querem para a comunidade de vocês?”. Eu me lembro de pensar em tantas coisas, mas não consegui organizar as ideias naquele momento. Eram tantos sonhos! A gente precisava de água, do alimento, de renda, mas a gente precisa, também, de valorização, conhecimento, apoio. Não queríamos ser lembrados só em ano de eleição.

O Riacho queria ser ouvido e foi. Tanto que hoje somos recebidos na prefeitura, no sindicato, nos bancos e no comércio de um jeito diferente. Conseguimos nosso lugar e demonstrar o nosso poder. Mas não pense você que foi fácil, foi preciso construir muitas pontes e derrubar muitos preconceitos. Foi necessário fazer o Território Norte do Itapicuru entender que a gente fazia parte dele e tínhamos algo a dizer e queríamos contribuir nas lutas e acessar direitos.

Para você ter uma ideia, o gestor no município chegou a dizer para a equipe do projeto desistir de nos procurar, pois o povo da grotta, como ele chamava, não queria nada com nada e ainda colocou medo nos técnicos e nas técnicas, dizendo que o acesso à comunidade era muito difícil e que num tinha carro traçado que chegasse até lá em dia de chuva. Ele não tinha noção da revolução que estava por vir.

Nesse ponto a presidente Izabel foi muito competente. Ela bateu de porta em porta para apresentar a associação, o Grupo de Mulheres, a nossa comunidade. Minha mãe tinha uma preocupação, ela sempre falava: “O Pró-Semiárido vai acabar e a gente precisa estar preparados e fortes pra seguir em frente”.

Nós seguimos! Firmamos parcerias, participamos de eventos, acessamos editais e saímos mais organizados e fortes de todo esse processo. Hoje nos sentimos preparados para receber novos projetos e seguir buscando o melhor para a comunidade. Os meus planos hoje não são mais de ir embora para a capital, buscar realização e sucesso. Me sinto bem aqui no quilombo, cresci e vou crescer mais ficando aqui e o melhor, poderei ajudar a outros jovens e, quem sabe, assumir a associação dentre em breve.





Reunião com o Secretário de Territórios e Sistemas Produtivos Quilombolas e Tradicionais do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Edmilton Cerqueira, com a professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Laécia Jalil e o Secretário de Desenvolvimento Rural da Bahia, Osni Cardoso, para reafirmar a importância da atuação do “Projeto Jandaíras: mulheres e seus saberes transformando a sociobiodiversidade nordestina” na Bahia. São 08 grupos de mulheres contemplados e 02 destes são acompanhadas pela CAR por meio do Pró-Semiárido.

O encontro ocorreu em dezembro de 2023, em Salvador, durante a programação da 13ª Feira Baiana da Agricultura Familiar e Economia Solidária (Febafes).

Capítulo 6

ARTICULAÇÃO E AS PARCERIAS - GÊNERO, O TERRITÓRIO, INTERSETORIALIDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS



Eventos para fortalecimento de
Redes e articulações de Mulheres

- Formações: 48
- Planejamento estratégico: 03
- Avaliação e planejamento da Rede Mulher: 04

ARTICULAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE PARCERIAS PARA A DISSEMINAÇÃO E SUSTENTABILIDADE DAS AÇÕES DE GÊNERO

Esta é uma estratégia que vai sendo tecida no primeiro ano do Projeto, desde o início da intervenção das ações com enfoque de gênero, étnico-racial e geracional na perspectiva de construir, ao longo dos anos, com os movimentos sociais, universidades, entidades não-governamentais, com órgãos e secretarias estaduais (SDR, SPM, SEPROMI, SETRE)¹ e municipais, que discutem o tema de gênero e que trabalham as políticas públicas voltadas para as mulheres, parcerias locais e regionais na perspectiva de disseminação e continuidade, ou melhor, da sustentabilidade das ações e das metodologias propostas durante a execução do Pró-Semiárido, para que quando o Projeto encerre suas ações, possa ser incorporada pelas parceiras. Dentro dessa estratégia realizamos encontro temáticos de mulheres, várias ações e atividades, inclusive durante a pandemia, como processos de formações em gênero e com enfoque interseccional com raça e geração, sobre diversos temas com a Câmara Técnica de Mulheres do Território Piemonte Norte do Itapicuru, CEMUR, UNEB, CODETER, UNIVASF, IFBA, Rede Mulher do Território Sertão do São Francisco, SAJUC, SASOP, IRPAA², Comissão Pastoral da Terra (CPT) de Juazeiro e com a 17ª Coordenação Regional de Política do Interior (Coorpin).

Vale ressaltar que tivemos uma ação diferenciada dentro do Grupo de Trabalho (GT) de Gênero dos projetos apoiados pelo FIDA e para dentro da Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), por dentro do Grupo de Trabalho (GT) de Mulheres da SDR, construindo atividades conjuntas, como exemplo: a Campanha da Divisão Justa do Trabalho Doméstico e a Caderneta Agroecológica, com as unidades que compõem a secretaria: BahiAter, Sutrag, Suaf, SDA, Cepex e a própria CAR. Tivemos como resultado o reconhecimento dessa articulação, pelo Secretário de Desenvolvimento Rural, Osni Cardoso de Araújo, que por meio de uma portaria institucionalizou o Grupo de Trabalho - GT de Mulheres da SDR.

¹ Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), Secretaria De Políticas Para As Mulheres (SPM), Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (SEPROMI) e Secretaria de Esporte do Trabalho Emprego Renda e Esporte (SETRE).

² CEMUR - Central de Mulheres Urbanas e Rurais da Região
UNEB - Universidade do Estado da Bahia
CODETER - Colegiado de Desenvolvimento Territorial
UNIVASF - Universidade do Vale do São Francisco
IFBA - Instituto Federal Baiano
SAJUC - Serviço de Assistência Socioambiental no Campo e Cidade
SASOP - Serviço de Assessoria a Comunidades Populares Rurais
IRPAA - Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada



Evento do dia 08 de março de 2024 - Grupo de Trabalho de Mulheres da SDR em parceria com a SPMBA

Vale ressaltar que tivemos uma ação diferenciada dentro do Grupo de Trabalho (GT) de Gênero dos projetos apoiados pelo FIDA e para dentro da Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), por dentro do Grupo de Trabalho (GT) de Mulheres da SDR, construindo atividades conjuntas, como exemplo: a Campanha da Divisão Justa do Trabalho Doméstico e a Caderneta Agroecológica, com as unidades que compõem a secretaria: BahiAter, Sutrag, Suaf, SDA, Cepex e a própria CAR. Tivemos como resultado o reconhecimento dessa articulação, pelo Secretário de Desenvolvimento Rural, Osni Cardoso de Araújo, que por meio de uma portaria institucionalizou o Grupo de Trabalho - GT de Mulheres da SDR.



Reunião com a Bahiater sobre a metodologia das Cadernetas Agroecológicas



Reunião do Grupo de Trabalho de Mulheres da SDR com a SPMB

A nível nacional articulamos parcerias com a Rede Feminismo e Agroecológica do Nordeste e com o Grupo de Trabalho (GT) Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA).

REDE MULHER DO TERRITÓRIO SERTÃO DO SÃO FRANCISCO

No início do trabalho enfrentamos um grande desafio, criar entre as mulheres dos dez municípios que compõem a Rede uma dinâmica sistemática de planejamento anual, reuniões municipais e comercialização dos produtos, por elas confeccionados, nos mercados municipais. Inserir-las em redes de comercialização já existentes, como a Central de Comercialização da Caatinga e facilitar a participação nas feiras agroecológicas dos seus municípios. Proporcionando às mulheres o exercício de administrar os recursos gerados a partir do seu trabalho produtivo e organizativo, já que estavam inseridas na organização e gestão dos empreendimentos coletivos de mulheres.

Fortalecemos os grupos da Rede Mulher, desenvolvendo ao longo da execução do Projeto, um processo de formação específico para as mulheres, dirigido principalmente às coordenadoras municipais, lideranças das comunidades, diretorias das associações, sindicatos e conselhos. Essas atividades de capacitações foram orientadas para reforçar as capacidades individuais das mulheres e da gestão associativa dos seus empreendimentos, contribuindo, principalmente para o resgate de sua autoestima ao qualificar suas capacidades, para um bom desempenho em cargos diretivos e nas suas organizações comunitárias e econômicas, na área de atuação do Pró-Semiárido.

A Rede Mulher Regional do Território Sertão do São Francisco é uma dessas organizações que acompanhamos, fortalecemos sua estruturação e dinâmica organizativa em todos os dez municípios. A Associação Rede Mulher de Remanso faz parte da Central da Caatinga. Em parcerias com as entidades criamos as condições para que as mulheres participassem ativamente das associações, com conhecimento e controle sobre a gestão administrativa, sobre os recursos e as informações necessárias para construção do exercício pleno da autonomia das mulheres diretoras das associações.

Utilizamos os intercâmbios de experiências como uma das ferramentas, para criar uma dinâmica de troca e articulação entre as mulheres integrantes dos grupos e da Rede Mulher, tanto a nível local, municipal e regional.

Com o aumento da violência doméstica no Brasil no período de isolamento social, devido a pandemia do COVID-19 e considerando o crescente número de casos de violência doméstica, ocorrida na área de abrangência do Pró-Semiárido, percebemos que era a oportunidade de

Ampliar a articulação e construção de parcerias, com os órgãos municipais: Centro Integrado de Atendimento à Mulher de Juazeiro – CIAM; com o Centro de Referência da Mulher Mãe Sulinha de Senhor do Bonfim – CRM e com o Centro de Referência e Assistência Social – CRAS de Jacobina. Esta parceria nos possibilitou realizarmos 06 Oficinas virtuais de formação da equipe técnica interdisciplinar e dos/as jovens Agentes Comunitários Rurais (ACRs), na perspectiva de refletir sobre o que é violência e quais procedimentos devemos ter diante desses casos, nas comunidades rurais que acompanhamos.



Assembleia da Rede Mulher, Remanso - BA
Foto: Geraldo Carvalho

Organização Social Territorial: Empoderamento Feminino, Legados e Perspectivas - O PSA/CAR enquanto parceiro

Yon Leite Fontes

INTRODUÇÃO

Em 2003 foi criado o Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Territórios Rurais, na época, por intermédio do Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA. Essa política tem o objetivo de fortalecer a agricultura familiar, para tal desencadeou um forte processo de mobilização da sociedade civil, que participou ativamente no planejamento das ações e na autogestão do processo de delineamento do desenvolvimento econômico, produtivo, cultural, social e ambiental dos territórios na perspectiva do desenvolvimento sustentável dos territórios rurais. Esse processo configurou a criação e o fundamento do conceito dos territórios de identidade do Estado, que entende como território:

(EspaçoReservado1) “um espaço físico, geograficamente definido, geralmente contínuo, caracterizado por critérios multidimensionais, tais como o ambiente, a economia, a sociedade, a cultura, a política e as instituições, e uma população com grupos sociais relativamente distintos, que se relacionam interna e externamente por meio de processos específicos, onde se pode distinguir um ou mais elementos que indicam identidade e coesão social, cultural e territorial”.

Atualmente o estado da Bahia possui 27 Territórios de Identidade, enquanto unidade de planejamento e gestão. O Território de Identidade do Piemonte Norte do Itapicuru/TIPNI, vem ao longo da sua organização e funcionamento social, desenvolvendo em conjunto de ações e atividades com os organismos públicos institucionais e entidades da sociedade civil e movimentos sociais, paritariamente, que venham fortalecer cada vez mais o processo de gestão social com foco no desenvolvimento territorial sustentável. Seu funcionamento social é ordenado por meio do seu regimento interno aprovado à época, que foi pactuado entre as entidades da sociedade

civil e órgãos públicos das respectivas esferas institucionais que compõem o CODETER (Colegiado de Desenvolvimento Territorial Sustentável do Piemonte Norte do Itapicuru).

EMPODERAMENTO FEMININO E A OCUPAÇÃO DO ESPAÇO DA GOVERNANÇA TERRITORIAL

Nesse contexto territorial, a organização social feminina passou por evoluções e transformações nas últimas décadas até o atual período, vivenciado dentro do processo de articulação e estruturação do CODETER e o Território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru – TIPNI¹, que enquanto resultados organizacionais, com grande e significativa ampliação com inserção e representações das mulheres e das organizações sociais coordenadas com a participação feminina efetivamente, na amplitude e representatividade nas respectivas câmaras temáticas TIPNI, a nível de coordenação e gestão social territorial.

A participação das mulheres aconteceu de forma mais efetiva após período de 2015/2016, com a estruturação da Câmara Temática de Mulheres, ora em pleno funcionamento e organização territorial. Esse espaço é formado por lideranças, grupos de mulheres, entidades e movimentos sociais, órgãos e instituições públicas. Desde a sua constituição e a inserção da Câmara Temática de Mulheres têm sido garantia forte na representação qualificada e atuante nas plenárias territoriais ordinárias e extraordinárias e em todas as ações e atividades do CODETER TIPNI¹⁶, dentre as pautas relativas à emancipação feminina e direitos das mulheres, organização e gestão social territorial.



Março Mulher

CONVITE

Vidas acessas

08 de março
dia
Internacional
da
Mulher

Oficinas :

- *Violência contra a mulher: o que tem a ver com a nossa saúde?
- *Políticas Públicas ganhos e Perdas.
- *Protagonismo mulheres.

Facilitadoras :

Psicóloga - Tatiana Tarrão
Msc. Ecóloga Mariana
Doutoranda Sistemática e História da Ciência
Maria Elizabeth
Pedagoga / terapeuta
Cristina Viana

Local: Praça Nova do Congresso
Sr.do Bonfim-BA.
Data: 08 de Março
Horário: 16:00

FIDA, CAR, EMB, etc.

Mobilização Social - NEDET/UNEB – Câmara de Mulheres Sr do Bonfim

¹ Os municípios que formam o TIPNI: Andorinha, Antônio Gonçalves, Caldeirão Grande, Campo Formoso, Filadélfia, Jaguarari, Pindobaçu, Ponto Novo e Senhor do Bonfim.

CONSTRUÇÃO DO RELATO DE EXPERIÊNCIA COM FOCO NA PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA GESTÃO SOCIAL TERRITORIAL

Nesse relato dessa experiência vivenciada e extraído dos registros inerentes ao Núcleo de Pesquisa e Extensão em Desenvolvimento Territorial – NEDET/UNEB e Colegiado de Desenvolvimento Territorial – CODETER TIPNI, que resgata e traz à tona apresentação de forma estratificada sobre a gestão social do Território do Piemonte Norte do Itapicuru, dentro do contexto da política do desenvolvimento territorial sustentável e a participação da mulher na organização social da política territorial. Apresenta de maneira sucinta sobre a organização social feminina, destaca e enumera diversas ações/atividades estratégicas desenvolvidas e efetivadas junto ao CODETER TIPNI, diversos outros coletivos sociais existentes, objetivando assim, a estruturação da Câmara Temática de Mulheres, envolvendo os segmentos sociais e institucionais de todos os municípios TIPNI.



Foto: Manuela Cavadas

Dentro desse foco estratégico na estruturação da política territorial e a atuação social feminina, com participação e presença efetiva nas ações e mobilizações sociais, atividades diversas, debates e diálogos, rodas de conversas, seminários, oficinas temáticas, conferências e encontros diversos, promovendo assim, a identificação e participação efetiva das mulheres, com aproximação para fomentar a atuação e organização político-social das respectivas representações.

- Realização de reuniões e encontros de gênero - em Senhor do Bonfim e demais municípios TIPNI;
- Efetivação/Realização de rodas de conversa sobre violência contra a mulher e os direitos femininos nos municípios TIPNI;
- Realização de atividades alusivas ao dia internacional da Mulher, com mobilização pública nos municípios TIPNI, na perspectiva de aproximação e identificação de lideranças femininas participantes nas atividades efetivamente;
- Realização de diálogos e debates sobre vídeos temáticos com as mulheres das comunidades e dos respectivos municípios TIPNI;
- Efetivação de Sessão solene temáticas na Câmara de vereadores/as - Estruturação da Câmara de Mulheres e Empoderamento Feminino;
- Realização de Palestras no Centro de Referência Especializada de Assistência Social - CREAS em municípios TIPNI, com participantes mulheres efetivas nas atividades,
- Efetivação de Debates sobre temáticas das mulheres com realização a partir de parceria entre o CRAS, o CRM e a Câmara de Mulheres, com grupos femininos dos municípios TIPNI;
- Entrevistas e realização de mobilização social em defesa dos direitos das mulheres, envolvendo comunidades e distritos nos municípios TIPNI nas atividades efetivadas;
- Realização de Palestras e Debates sobre o Dia Internacional da Mulher e sobre violência contra a mulher com participação social;
- Realização de Plenária da Câmara de Mulheres e sua estruturação, enquanto núcleo organizador e mobilizador de composição = (2) coordenadoras) e (2) secretarias executivas (representante da sociedade civil + representante poder

público), dentre os segmentos sociais existentes. Em ambos os cargos haverá representação de (1) mulher rural e (1) mulher urbana.

- Realização de Seminários e atividades alusivas às mulheres negras, sul-americanas e caribenhas (Julho das Pretas) e ações desenvolvidas e executadas em conjunto com as equipes técnicas dos projetos Pró-Semiárido PSA/CAR e Bahia produtiva;
- Participação de audiências públicas de articulação social em defesa dos direitos e conquistas das mulheres, envolvendo comunidades/distritos, entidades e instituições dos segmentos nos municípios TIPNI, nas atividades efetivadas;
- Visitas de campo e mobilização nas comunidades e distritos, municípios TIPNI – elaboração de propostas/projetos Editais /políticas públicas CODETER;
- Reunião do NE/Núcleo Executivo CODETER TIPNI, organização e planejamento anual;
- Escutas e diálogos de nível municipal com a entidades e instituições setor públicos e sociedade civil;
- Promoção de intercâmbios / mobilização da câmara temática de mulheres e dos coletivos femininos para realização e/ou apoio aos eventos locais
- Realização de eventos socioculturais, para integração e participação de grupos de mulheres nos municípios TIPNI;
- Participação efetiva do processo democrático CODETER TIPNI de ocupação de espaço através da câmara temática de mulheres, coordenação geral e secretaria executiva CODETER TIPNI;

APRENDIZADO, DESAFIOS E PERSPECTIVAS NO FORTALECIMENTO DA ORGANIZAÇÃO SOCIAL TERRITORIAL - O PRÓ-SEMIÁRIDO

Neste contexto da organização social territorial, a gestão e a governança territorial, vem sendo compartilhada entre as representações da sociedade civil e instituições públicas, via construção coletiva permanente de uma parceria que busca unificar forças em benefício do desenvolvimento territorial e de um controle e gestão social mais eficaz, democrático e organizado territorialmente. A experiência vivenciada pelo CODETER TIPNI aponta que a organização política a nível territorial tem contribuído para o significativo empoderamento dos sujeitos sociais, das mulheres e jovens e segmentos diversos, aprofundando a capacidade de pautar e articular debates e diálogos, fortalecendo a estratégia coletiva de superação dos entraves e desafios vivenciados nesse processo do desenvolvimento territorial sustentável. Essa governança territorial não tem gerado apenas um espaço de construção política diferenciada, bem como, tem provocado uma forte mudança cultural dos atores sociais, que passam a redefinir seus focos, necessidades e demandas coletivas com níveis de entendimento ampliado e integrados. É importante registrar que o CODETER/TIPNI, em conjunto com a Câmara Temática de Mulheres, tem avançado cada vez mais em suas pautas e organização, superando entraves na organização, de produção econômica e comercialização de produtos e serviços implementados, dentre outras demandas que passam a serem agregadas e dialogadas, a exemplo sobre o feminismo e ascensão, seja o seu empoderamento na organização social; a cultura, educação, arte e lazer enquanto direitos fundamentais; saúde, segurança pública e bem-estar social; meio ambiente e direito a vida, entre outros focos vislumbrados, para a qualificação de vida da população territorial.

É fundamental a participação das mulheres na gestão participativa do desenvolvimento sustentável do território de identidade, bem como estimular a participação na execução e gestão do seu respectivo Plano Territorial de Desenvolvimento Sustentável. Assim, nessa perspectiva foram constituídos comitês de mulheres através de uma parceria com a Coordenação Estadual de Territórios/CET, para ampliar e manter a articulação e construção de rede de mulheres nos Territórios de Identidade do Estado da Bahia.

O TIPNI conta com a Câmara Temática de Mulheres, com forte atuação nas atividades do território de identidade. A referida câmara temática tem problematizado e debatido sobre as disparidades sociais que envolve as mulheres com ações próprias e em eventos/atividades realizados em conjunto com outras instituições e entidades a nível territorial e estadual, exemplo forte é

a atuação efetiva do Projeto Pró Semiárido/CAR/SDR em sua estruturação, inclusive representado dentro da sua coordenação geral, que precisam serem fortalecidas ainda mais através de formação e representação política para qualificar sua atuação, ampliar a representatividade dos municípios e segmentos sociais, viabilizando o empoderamento de suas integrantes e representações.

Atualmente, as mulheres estão efetivamente presentes e representadas nas câmaras temáticas e na coordenação geral do CODETER/TIPNI, na estrutura de composição do Colegiado de Desenvolvimento Territorial, em seu Núcleo Executivo Territorial, bem como nos demais segmentos sociais representativos das diversas instâncias e níveis da política de desenvolvimento territorial, almejando avançar nos projetos, políticas e programas públicos que vislumbram o empoderamento e a autonomia das mulheres no Território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru/TIPNI, que serão de fundamental importância para o avanço cada vez mais na organização das mulheres do TIPNI.



CONSTRUINDO PARCERIAS PARA O FORTALECIMENTO E SUSTENTABILIDADE DAS AÇÕES DE GÊNERO

*Deyse Sayonara Sousa Oliveira
Cristiene Curvelo Santana*

Pensando nas estratégias de sustentabilidade, a partir de um trabalho para além das metas que constam no plano de desenvolvimento e investimento, principalmente no fortalecimento das ações de gênero, nota-se a importância das parcerias firmadas com o Centro de Referência da Assistência Social – CRAS, Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS, as Secretarias Municipais de Saúde, Educação, o Centro de Referência de Atendimento à Mulher – CRAM, Delegacia da Mulher – DEAM, Ministério Público – PM, Ronda Maria da Penha, CEMUR – Central de Mulheres Urbanas e Rurais de Saúde, sendo espaços de acompanhamento e acolhimento, assim como atendimentos jurídico e psicossociais para mulheres em situação de Violência Doméstica e Familiar, entre outros encaminhamentos para diversos setores, como acesso, ao salário maternidade, cadastramento ao Auxílio Brasil, atualização das condicionais da saúde e educação para o programa Bolsa-Família (BF).

Torna-se mister salientar que, essas parcerias, promovem o empoderamento das organizações sociais nos territórios, contribuindo na superação das indigências da comunidade como um todo, transformando as relações em favor daqueles que não têm muito acesso as políticas setoriais que atendem as necessidades como educação, saúde, assistência social e infraestrutura.

Dessa forma, visando o trabalho de parceria, e o fortalecimento da juventude, mulheres e comunidades na inclusão no mundo digital nos Territórios Rurais, situados nos municípios de Senhor do Bonfim, Caldeirão Grande e Ponto Novo; através do Projeto foi firmada uma parceria com Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF por meio do Projeto CRC – Centro de Redirecionamento de Computadores Secretaria de Educação, Secretaria da Agricultura Familiar, o qual capacitou 120 (cento e vinte) jovens mulheres e homens, entre eles(as) ACR's,

mulheres e jovens que compõe as diretorias das associações residentes nas comunidades de atuação do Pró-Semiárido em informática básica, montagem e manutenção de computadores. Após o curso passaram a ser multiplicadores desses conhecimentos nas comunidades que residem, levando alguns deles(as), ao mercado de trabalho. Cumpre mencionar que, os municípios foram contemplados com 210 computadores através de doações, sendo feitas as instalações em sede das associações e escolas municipais dos referidos municípios.



**Curso de Informática no CRC
– Centro de Redirecionamento
de Computadores na UNIVASF
jovens mulheres e homens dos
Territórios Rurais.**

Vale destacar a parceria firmada entre a comunidade quilombola Grota das Oliveiras e a Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, na qual a comunidade recebeu um centro de informática com 10 computadores, por meio do Projeto CRC, cujos equipamentos foram colocados para funcionar por meio de energia solar implantada na comunidade através do apoio do Pró-Semiárido.

As experiências aqui sintetizadas, tomam por base a metodologia participativa aplicada no Território de Identidade Piemonte da Diamantina e Bacia do Jacuípe nos municípios de Saúde, Jacobina e Capim Grosso e no Território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru (TIPNI), nos municípios de Caldeirão Grande, Senhor do Bonfim, Andorinha, Ponto Novo, Jaguarari,

acompanhados pelas Técnicas do Componente Social Deyse Sayonara e Cristiene Curvelo durante a realização das oficinas, encontros, as rodas de conversas. O depoimento da Evanice Lopes, que faz parte do CODETER e da CEMUR, ambas entidades parceiras de ações com o foco de gênero, traz o processo de construção do conhecimento ao longo do Projeto.



Encontro Temático de Mulheres – Violência Doméstica com a parceria da Polícia Militar da 91ª CIPM de Capim Grosso/BA realizado no Assentamento Caiçara – TR Nova Esperança, município de Serrolândia.

“Quero cumprimentar as nossas parcerias do Projeto Pró-Semiárido da Piemonte da Diamantina. Eu sou Evanice Lopes, Conselheira Estadual de Cultura, Vice – Presidente da Câmara de Patrimônio de Cultura do Estado, Vice – Coordenadora do Colegiado da Piemonte da Diamantina, Vice – Coordenadora do Conselho de Desenvolvimento Territorial (CODETER) e Presidente da Central de Mulheres Urbanas e Rurais de Saúde (CEMUR). A nossa parceria com o Pró-Semiárido simplesmente ela é exitosa. É um Projeto que deixa um legado porque está trazendo a humanização, não simplesmente uma obra de poder público, mas um projeto, uma proposta de humanização e de organização da sociedade civil, das comunidades rurais deixadas para que se desenvolvam e consigam seus interesses e melhor qualidade de vida. Parabéns, Pró-Semiárido! Vamos deixar esse legado muito importante, porque o Pró-Semiárido deixa uma herança grande no Piemonte da Diamantina e claro parabenizar cada Técnico/a e cada Coordenação”.

CAMPANHA PELA DIVISÃO JUSTA DO TRABALHO DOMÉSTICO

É importante ressaltar que desde 2018 nós adotamos o vídeo e os materiais da Campanha, nos encontros mistos, para motivar a reflexão sobre a divisão sexual do trabalho. Refletindo sobre o trabalho reprodutivo e produtivo, sobre o prisma feminista, enfocando elementos teóricos, para a desconstrução da cultura androcêntrica, patriarcal, machista e sexista. Porém, firmamos oficialmente nossa parceria, apoio e inserção do Pró-Semiárido à **Campanha pela Divisão Justa do Trabalho Doméstico**, com o aumento da violência doméstica, em 2020, no período de pandemia, quando a campanha foi relançada por iniciativa da Rede Feminismo e Agroecológica do Nordeste, em parceria com a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), GT Mulheres da ANA, Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA), Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) e o Pró-Semiárido.

Durante o isolamento social retomamos o trabalho junto às mulheres das comunidades, através da Campanha, circulando nos grupos, todos os materiais por *WhatsApp*, para os/as beneficiários/as do Pró-Semiárido, circulando e provocando a reflexão sobre os 05 episódios da Zapnovela que trazia temas relacionados à divisão do trabalho produtivo e reprodutivo, doméstico e do cuidado com as pessoas da família. Que tinha como chamada de divulgação: *Em tempos de coronavírus, diga não à violência doméstica!* É a frase de ordem que a campanha assumiu, neste período, com o lema: *“Ficar em casa é questão de saúde, dividir as tarefas, e viver sem violência também!”*.

FICAR EM CASA É QUESTÃO
DE SAÚDE, **DIVIDIR TAREFAS** E
VIVER SEM VIOLÊNCIA TAMBÉM





A gente se vê

Por Aline Queiroz

A nossa viagem pelo Riacho de transformações que o foi o Pró-Semiárido termina aqui, eu agradeço a sua companhia. Contar minha história, falar da minha comunidade e da beleza que foi observar as mudanças e o quanto me tornei melhor após todas essas vivências foi uma alegria.

Fica o desejo de que a pauta de Gênero seja pré-requisito para implantação de políticas públicas no campo, não apenas porque é importante dar vez e voz para as mulheres, mas porque precisamos que agricultoras como dona Judite, Izabel, crianças como Joana vivam sem medo, sem violência, cresçam, se desenvolvam e expressem suas potencialidades e quereres de forma genuína e segura. Para o bem delas, para o bem todos e de todas nós!

GÊNERO E O DESENVOLVIMENTO RURAL E TERRITORIAL

O enfoque de Gênero tem uma importância fundamental no Desenvolvimento Rural e Territorial, pois pode promover mudanças nessas relações sociais desiguais, na qual homens e mulheres não têm o mesmo nível de acesso, oportunidades, responsabilidades e nem os mesmos direitos; através do fortalecimento da posição social, econômica e política das mulheres, desde que as estratégias de desenvolvimento ataquem os fatores estruturais das desigualdades de gênero, étnico-racial e geracional, e conseqüentemente facilitando o desenvolvimento das mulheres.

O Projeto Pró-Semiárido acertou em sua estratégia de intervenção ao assumir nas suas ações de desenvolvimento rural com o foco territorial, o termo gênero, com intenção política e não só como uma forma de abordagem técnica, ou uma ferramenta metodológica estratégica. Ao sair do discurso para a prática, incorporando a perspectiva de gênero para transformar as relações de poder entre os sexos, enfrentando no cotidiano da intervenção as estruturas patriarcais que mantêm as mulheres na subordinação, desconstruindo a cada dia os valores culturais e conservadores, que reforçam e as mantêm neste lugar.

A assessoria de gênero trabalhou na construção de um projeto político de gênero, discutindo e transformando as relações de poder com os homens e as mulheres beneficiárias. Não trabalhamos focado apenas nas “necessidades práticas” das mulheres, ou melhor, em ações de capacitações para atividades produtivas geradoras de renda ou em atividades organizativas, nas quais se discutem direitos constitucionais e autoestima, mas também evidenciamos a discussão das relações de poder, principalmente, entre os homens e as mulheres.



Mulheres agricultoras da comunidade Alto do São Gonçalo, município de Itiúba (BA). Foto: Manuela Cavadas.



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO RURAL



ISBN: 978-65-984739-0-7



www.sdr.ba.gov.br
www.car.ba.gov.br/prosemiarido

SALVADOR: Av. Viana Filho, Conjunto SEPLAN – CAB, CEP: 41.745-000. Tel: (71) 3115-6762
JACOBINA: Rua Mairi, 04, Centro. CEP: 44.700-000. Tel: (74) 3621-3128
SENHOR DO BONFIM: Av. da Agricultura, s/n – antigo Derba. CEP: 48.970-000. Tel: (74) 3541-7521
JUAZEIRO: R. Engenheiro Viana, nº 7, Casa. Bairro: Country Club / CEP: 48.902-325. Tel: (74) 3611-3933